

ANA LETÍCIA SAQUETE GONÇALVES

"eu sou criado do 25"

um resgate da identidade coletiva do Morro do 25

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Tecnológico
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Curso de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho de Conclusão de Curso

Graduanda Ana Leticia Saquete Gonçalves

Orientadora Karine Daufenbach

Fevereiro de 2019

*cria do Morro
com vista e vida pro mar,
neta da Dota e do Seu Babá*

Agradecimento

Durante os últimos seis anos, aprendi que não existe trabalho individual,
nem conquista que não seja compartilhada.

A todos os meus colegas e ex-colegas que construíram comigo estes doze semestres,
meu muito obrigada.

A todos os amigos-irmãos que me acompanham por uma vida inteira, minha gratidão eterna.
Às professoras Karine Daufenbach e Marina Toneli, agradeço a inspiração que foram para mim.

Me torno arquiteta e urbanista porque vocês me mostraram como.

Pela força dos Saquetes e a inspiração dos Gonçalves, dedico este trabalho à vocês.

PROLÓGO

Aqui, eu conto uma história que fala sobre invisibilidade e vulnerabilidade da população pobre, sobre segregacionismo racial e sobre relações sociais construídas de forma democrática. O enredo tem início com a abolição da escravidão e pode parecer muito distante de 2019. Mas o Morro do 25 não deixou de ser um território negro segregado racialmente quando seu Silvío convidou o primeiro branco a um baile no Clube 25 de dezembro.

Em uma entrevista para o programa Diálogos Ausentes (Itaú Cultural, 2017), a atriz Elisa Lucinda afirma que "*se tem territorialidade, tem apartheid. Se eu sei onde encontrar preto e onde encontrar branco, tem apartheid*". Ainda hoje vivemos um *apartheid*. Ainda em 2019, a comunidade do Morro do 25 convive diariamente com a opressão racial, social e financeira.

"*A pessoa branca nunca vai entender*" o que é o racismo, disse Aza Njeri, pós-doutora em Filosofia Africana (IFCS). "*É desleal elas, detentoras de melhores escolas, livros, bibliotecas, legarem para nós (negros) o fardo de educá-las. Principalmente quando a nossa preocupação é ficar vivos*" (NJERI, 2018).

Então, faço aqui o que posso como mulher branca vinda das melhores escolas: não luto sua luta e nem *determino a sua vivência* (NJERI, 2018). Apenas somo uma voz para contar essa história.

ÍNDICE

1. Início	13
1.1. Motivação e área de estudo	15
1.2. Histórico: ocupação e consolidação	19
1.3. Análises sócio-urbanas	23
1.4. A importância da articulação coletiva: o passado e o futuro	27
2. Meio	33
2.1. A origem: Morro do Chapecó	35
2.2. União Recreativa 25 de Dezembro e a identidade coletiva	37
2.3. O Morro do 25 hoje	45
3. Fim: Propostas de intervenções	53
3.1. Intervenções urbanas	55
3.1.1. Feira	59
3.1.2. Centrinho	63
3.1.3. Clube 25	69
3.2. Projeto arquitetônico	75
3.2.1. Partido e projeto	79
3.2.2. Sistema estrutural e pré-dimensionamento	91
3.2.3. Estratégias acústicas e de ventilação	91
3.3. Estratégias de implementação	93
4. Bibliografia	95
Apêndice: Entrevista transcrita com Silvio e Zilma dos Santos	101

1. INÍCIO

1.1. MOTIVAÇÃO E ÁREA DE ESTUDO: AS FACES OESTE E NORTE DO MACIÇO DO MORRO DA CRUZ

Como toda criança, na infância questionei meus avós sobre a origem dos meus sobrenomes para um trabalho da escola. O "Saquete" da família materna era óbvio, mas meu avô enchia o peito de orgulho para contar que meus trisavós vieram de navio da Itália "que nem na novela Terranostra". "Mas o Gonçalves acho que é português, né?", respondeu meu avô paterno na entrevista:

- Então, teu pai veio de Portugal, vô?
- Não, Ana. A gente é daqui do Morro.
- Os teus pais nasceram aqui?
- É, no Morro aqui do lado.
- E os pais deles?
- Aí já não sei.

Apesar de amar onde nasceu e cresceu, meu avô Leopoldo, assim como a minha avó paterna Dalcina, não sabiam muito dos seus antepassados e a origem das comunidades do Maciço do Morro da Cruz onde viveram a vida inteira.

Em um dos primeiros assessoramentos deste trabalho, lembro que minha orientadora comentou como a bibliografia sobre a formação da cidade de Florianópolis é repetitiva, como *é mais do mesmo*. Os livros iniciam relatando a chegada do bandeirante paulista Dias Velho e a invasão espanhola, enaltecem a chegada dos açorianos e terminam com a imigração de alemães, italianos e gregos. Os livros contam e recontam a história de brancos europeus e sua importância cultural e econômica para a Vila de Desterro, posteriormente Florianópolis. Mas e os negros? Como surgiu a população pobre que hoje ocupa os morros da capital? Em que capítulo destes livros a história de escravos, ex-escravos e seus descendentes é contada e honrada?

A invisibilidade da população do Maciço ultrapassa as páginas dos livros. A existência e influência histórico cultural destas comunidades foram negadas por décadas não só pela Academia, mas principalmente pelo poder público. Os moradores do Morro da Cruz enfrentavam diariamente uma jornada dupla de trabalho braçal para construir suas casas, suas igrejas e suas comunidades, uma vez que a prefeitura foi negligente e não prestou assistência à esta área da cidade como à outras.

Lentamente, a Prefeitura Municipal de Florianópolis vai subindo as vielas com os caminhões de lixo e com o transporte público. Ainda que exista um déficit educacional, há cada vez mais creches

Mapa 1
Perímetro da área de estudo. Escala 1:7000.
Fonte: Elaboração própria, baseada em PMF (2018)

e escolas sendo construídas nos labirintos da malha viária, que agora tem acesso à água encanada e energia elétrica. Da mesma forma, o meio acadêmico vai descobrindo a herança cultural destas comunidades, ao mesmo tempo que os jovens das comunidades adentram no meio acadêmico muitas vezes através do sistema de cotas.

Como muitos outros desenvolvidos dentro da Universidade Federal de Santa Catarina nos últimos anos, este trabalho tem como objetivo resgatar um pedaço da história não contada nos livros e valorizar a identidade coletiva construída por mãos calejadas. Para isso, começo a estudar um primeiro fragmento do Maciço do Morro da Cruz (Mapa 1) delimitado entre o Imperial Hospital de Caridade e a Penitenciária de Florianópolis, buscando compreender sua história, suas dinâmicas atuais, suas necessidades e seus valores.



1.2. HISTÓRICO: OCUPAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO

A ocupação deste recorte do Maciço do Morro da Cruz, anteriormente conhecido como Morro do Antão, caracteriza-se em quatro etapas. A primeira aconteceu de modo lento por diferentes populações entre a metade e o fim do século XIX. A segunda foi impulsionada pelo movimento higienista entre as décadas de 1920 e 1940. As duas últimas foram ambas migrações rurais, sendo a primeira entre 1930 e 1960 e a última entre 1970 e 1990.

Santos (2009), em sua extensa pesquisa sobre a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis, encontrou relatos da metade do século XIX sobre escravos que fugiam e embrenhavam-se nas matas próximas ao Hospital de Caridade para se esconder. Como o Morro era um local de coleta e de fontes de água, atividades designadas para os escravos, apenas negros conheciam e visitavam a região. Assim, escravos fugitivos e negros libertos, que conseguiram se estabelecer, formaram comunidades onde atualmente ficam o Morro da Caixa D'Água e o Morro do Mocotó, acobertadas por aqueles que ainda serviam seus senhores.

A partir de 1865, o Morro também passou a ser morada de soldados oficiais, considerando sua proximidade com o Campo de Manejo (atual Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC). Com a abolição da escravidão, em 1888, a ocupação se intensificou, principalmente nas ruas Major Costa e Nestor Passos. Mas foi com o movimento higienista e suas repercussões que a ocupação tornou-se significativa.

Desde a formação da Vila de Desterro, a porção leste da Praça XV, conhecida como bairro da Pedreira, era ocupada por uma população trabalhadora de hábitos simples. Ainda, mais à leste no sopé do morro do Hospital de Caridade, o bairro da Toca era habitado exclusivamente por pescadores, sendo o primeiro bairro socialmente segregado da cidade. Com a abolição da escravidão, os negros libertos continuaram a exercer os mesmos trabalhos que faziam para seus antigos senhores, mas agora não mais em suas casas (CARDOSO, IANNI, 1960). As cozinheiras e lavadeiras instalaram-se nos cortiços à margem do Rio da Bulha (atual Avenida Hercílio Luz) ou na base do Morro do Antão, onde havia oferta de água. Uma parcela dos marinheiros que trabalhavam no porto permaneceu atuando na atividade portuária e morando nos arredores do bairro da Figueira. No entanto, uma outra parcela migrou para o bairro da Toca, que ficava na orla da Praia do Menino Deus, sobrevivendo da pesca.

Esta região do Rio da Bulha e Praia Menino Deus era a que mais sofria com a ausência de infraestrutura para o saneamento básico. As águas limpas que desciam das nascentes do Morro do Antão transformavam-se em canais de despejo quando chegavam na ocupação urbana e acumulavam-se no lodo da orla da Praia. O problema do saneamento básico em Desterro era abordado em documentos oficiais desde a metade do século XIX, mas o governo não tinha recursos e nem estrutura para realizar as obras de grande porte que eram necessárias. A precariedade do saneamento causava surtos de epidemias, o que impulsionou inclusive a ocupação em direção à Baía Norte por parte da elite que construía suas casas de verão - as chácaras.

A primeira medida oficial higienista foi a implantação do Código de Posturas de 1845, que regulamentava, por exemplo, o afastamento das edificações, o número mínimo de janelas e a quantidade máxima de pessoas morando em uma casa. Para ajustar-se às normas estéticas, era necessário uma condição financeira que a população de baixa renda não possuía. No caso da impossibilidade de adequação era permitido desapropriações e demolições das casas. O resultado foi a transfiguração de regiões de Desterro, uma vez que as casas de janela e porta (1) cederam espaços para grandes edifícios públicos, como a Escola Normal e o Instituto Politécnico.

No entanto, o que consolidou a expulsão da população e a ocupação do Morro foram duas obras higienistas. A primeira foi a construção do aterro da Praia Menino Deus, conhecido posteriormente como Largo 13 de maio, que teve início em 1887 com verba do Ministério do Império e afastou a população pesqueira do mar. A segunda obra foi a construção da Avenida do Saneamento (atual Avenida Hercílio Luz) em 1922 e teve um impacto ainda maior. A canalização do Rio da Bulha e a abertura de uma larga avenida nos moldes europeus exigiu a demolição em massa de cortiços e casinhas que estavam à sua margem e áreas próximas. Segundo Santos (2009), são raros os registros de indenização dos proprietários. Com o Código de Posturas, a população não tinha condições

(1) Segundo Santos (2009), eram *"casinhas simples de pé direito baixo, de um pavimento, em geral com uma porta e uma janela em menos de duas braças de frente, com telhados de duas águas, casinhas do povo pobre (...). As casinhas em geral eram de três ou quatro peças. A peça da frente era a sala, que também servia de quarto para as famílias grandes, tinha a porta e a meia porta com uma ou duas janelas. Era comum a sala ter uma mesa e um ou dois bancos e pelas paredes gravuras de Santos e um candeeiro. No centro da casa a alcova com as camas e esteiras e um baú ou arca de madeira para guardar as roupas. Na peça dos fundos ficava o fogão primitivo, uma mesa com banco e as prateleiras, além de cozinha e refeitório podia servir de dormitório para os filhos mais velhos. Nessa peça uma porta e janela para o quintal onde se criava alguns animais. Muitas casas não tinham assoalho e algumas tinham rochas que não eram removidas e serviam de anteparo."* (p 67-69)

financeiras para reerguer suas casas dentro das normas em uma área fiscalizada (e, portanto, sujeitas à novas demolições).

Sendo assim, a população que residia às margens do Rio da Bulha se dirigiu para as terras vagas do Morro da Cruz, criando e consolidando as primeiras favelas do Chapecó (atual Morro do 25), Caixa D'Água (também conhecido como Monte Serrat), Nova Trento e Mocotó até a década de 1930. As áreas à leste da Avenida não despertaram interesse privado até a década de 1940, quando prédios modernos de quatro andares foram construídos, as ruas laterais foram calçadas e os últimos habitantes foram expulsos para o Morro. Assim, surgiram as comunidades da Nova Descoberta e Inferninho, próximas ao Morro da Caixa (DIAS, 1947). Com o passar dos anos e o aumento da densificação, outras áreas do Morro da Cruz foram ocupadas, seguindo o caminho que dava acesso à freguesia da Santíssima Trindade, dando origem às comunidades como Ângelo Laporta, Morro do Céu e Morro do Horácio.

Entre as décadas de 30 e 60, a primeira onda migratória rural chega à Florianópolis, também de famílias descendentes de escravos, impulsionada pela decadência da economia de cidades próximas como Antônio Carlos e Biguaçu e o desenvolvimento da construção civil na capital. Outro fator fundamental, foi inauguração da Penitenciária Estadual, no caminho para a Trindade, que atraiu familiares que desejam ficar próximos aos detentos (TOMÁS, 2012).

Pimenta e Pimenta (2004) ainda relatam uma segunda migração rural entre a década de 70 e o início dos anos 2000 que tem relação com o boom imobiliário e turístico de Florianópolis. Vindas do interior do estado catarinense, as famílias mudaram-se para a capital pela oferta de empregos no setor da construção civil e instalaram-se nas cotas mais altas do Maciço, integrando comunidades já consolidadas (como a Vila Santa Vitória), ou ainda criando novos núcleos, como a Serrinha e Caeira do Saco dos Limões, na face que faz limite com a Trindade (fora do recorte de estudo).

Sugai (2015) aborda que a periferização das camadas populares tem se intensificado ainda mais em Florianópolis nas últimas décadas. Contudo, com a rodoviarização, o perímetro das áreas de periferia se ampliou, transformando cidades da região metropolitana em pólos habitacionais atrativos para a nova população migrante, como em São José, Palhoça e Biguaçu. Sendo assim, é possível perceber que o crescimento da ocupação deste recorte do Maciço do Morro da Cruz se intensificou, estabilizou e consolidou entre a década de 20 e início dos anos 2000, mas que a de então não apresentou crescimento perimetral.

Assim, é possível perceber que todas as etapas de ocupação aconteceram espontaneamente e não de forma organizada ou incentivada diretamente por políticas públicas. Através de diversas obras, seja de cunho municipal ou estadual, o poder público gerou um grande déficit habitacional durante todo século XX, mas medidas assistenciais só foram tomadas no século seguinte

(PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/PMF, 2008).

1.3. ANÁLISES SÓCIO-URBANAS

Durante o Projeto do Maciço do Morro da Cruz em 2008, a Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF) elaborou um mapa com o perímetro das comunidades do Morro da Cruz (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/PMF, 2008), que totalizaram em 17 áreas demarcadas, sendo 11 dentro da área estudada. Contudo, Henning (2007), em entrevistas para o seu estudo sobre unidades escolares, coletou dados como o endereço e o nome da região de residência das crianças e obteve 21 áreas demarcadas ao cruzar as informações. A partir desta divergência, é possível considerar duas suposições que não são necessariamente excludentes, mas sim complementares. A primeira é que os moradores do Maciço não compartilham as mesmas identidades coletivas, espacializadas em unidades de vizinhança que possuem limites claros apenas para àqueles que vivenciam a área. A segunda é que, apesar de ser desconhecido o método de levantamento, é possível que a Prefeitura tenha considerado a integração espacial e indicadores sociais para a delimitação de perímetros das comunidades e por isso algumas foram desconsideradas.

Um movimento importante relacionado às comunidades do Maciço é o de ascensão social, ainda que muito lento e discreto. Em seu estudo sociológico intitulado *Cor e Mobilidade Social em Florianópolis (1960)*, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni abordam que ainda na década de 50 *“as oportunidades ocupacionais da mão de obra negra (residentes do Morro da Cruz) se concentram em torno de atividades nas quais os escravos se especializaram (serviços domésticos e atividades braçais em geral)”* (CARDOSO, IANNI, 1960:113). Ou seja, desde a abolição da escravidão em 1888 até o fim da década de 50, pouco se alterou na estrutura social da área.

Uma das comunidades analisada por Cardoso e Ianni na década de 50 é o Morro da Nova Trento, atual Rua João Carvalho, comunidade situada entre o Morro do 25 e o Morro do Céu. No entanto, a comunidade não consta mais no mapa de 2008 da PMF. Atualmente, em uma visita à área, foi possível confirmar um elevado padrão construtivo das edificações (dois andares, paredes rebocadas e pintadas) se comparado à outras comunidades do Maciço.

Da mesma forma, a comunidade ngelo Laporta, que ainda consta no mapa de 2008, atualmente também apresenta um alto padrão construtivo inclusive superior ao do Morro da Nova Trento. É verdade que o Maciço do Morro da Cruz vem sofrendo com a especulação imobiliária e verticalização desde a aprovação do Plano Diretor do Distrito Sede em 1997 (PERES, PIMENTA, 2016), mas



Mapa 2

Comunidades no Morro da Cruz. Escala 1:7000.

Fonte: Elaboração própria, baseada em PMF (2008;2018)

Legenda

1. Morro do Horácio
2. Vila Santa Vitória
3. Morro do 25 (Morro do Chapecó)
4. Morro do Céu
5. Ângelo Laporta
6. Monte Serrat (Morro da Caixa)
7. José Boiteux
8. Santa Clara
9. Laudelina Lemos
10. Morro do Tico-Tico
11. Morro da Mariquinha

a vizinhança é a mesma por pelo menos 50 anos (2). Sendo assim, é possível considerar que houve algum processo de ascensão e estabilidade social, mesmo que muito lento e regional, que ainda está em andamento e atinge principalmente os núcleos mais antigos da ocupação, como as cotas mais baixas do Monte Serrat e Morro do 25.

De fato, atualmente nenhuma comunidade do Maciço do Morro da Cruz dentro do recorte estudado segue mais o estereótipo da favela brasileira. A maioria das ruas e vielas são pavimentadas, as casas são de alvenaria e não barracos de madeira sem luz, água ou saneamento. O caminhão de lixo faz a coleta de resíduos (pelo menos até onde consegue) e há creches, escolas e centros de saúde dentro da malha que conserva sua origem através dos becos, escadarias, labirintos. Mas segundo Zaluar e Avito, em *Um século de Favela* (1998), a imagem da precariedade da favela em pleno século XXI é ultrapassada. Inclusive, abordam que a criação da dicotomia *cidadeXfavela*, ou *ordemXcaos*, é resultado de ideologias higienistas, desenvolvimentistas, das relações auto-regulamentáveis do mercado ou da globalização, mas que a barreira nunca foi efetivamente construída se considerar-

(2) Segundo entrevista feita em março de 2018 com Leopoldo Antônio Gonçalves Filho, 52 anos, morador do Morro da Nova Trento há 52 anos.

mos a influência da cultura da favela na cidade e vice-versa.

Mesmo que isto seja considerado, não há como negar as décadas de negligência do poder público com estas comunidades. Sugai (2015) aborda que os planos municipais das décadas de 50 e 60 indicavam que o crescimento e desenvolvimento de Florianópolis deveriam se concentrar na área central da Ilha, como os bairros Centro e Trindade. Mas uma série de obras e investimentos municipais e estaduais foram direcionados ao norte da Ilha nos anos 70, beneficiando loteamentos privados localizados nos balneários. Ou seja, mesmo que a ocupação do Maciço seja da década de 40 e já apresentava problemas de infraestrutura na época, o poder público escolheu não atender as comunidades de baixa renda e beneficiar loteamentos privados de origem posterior.

A Lei Municipal nº595/1927, que permite *“as construções de casas de madeira, com os requisitos higienicos necessários, em terrenos fóra da zona central da cidade, (...) que as referidas edificações não sejam visíveis das ruas ou praças já existentes”*(3), deixa claro que o governo não reprimiria a migração da população para o Morro desde que suas construções não aparecessem na paisagem, da mesma forma que não daria incentivos ou infraestrutura. Assim, desde a construção de moradias à qualificação do espaço urbano, qualquer infraestrutura presente nas comunidades atualmente é uma conquista recente e coletiva.

(3) Lei número 595, de 29 de outubro de 1927. Estado de Santa Catharina. Município de Florianópolis. Collecção de Leis e Resoluções de 1927, página 18. Typ. da Folha Nova. Florianópolis, 1918. Leis do Município de Florianópolis 1918 – 1930. Códice 340, caixa 30. Arquivo Histórico do Município de Florianópolis.

1.4. A IMPORTÂNCIA DA ARTICULAÇÃO COLETIVA: PASSADO E FUTURO

Como muito bem abordado por Maria (1995), a historiografia das comunidades do Maciço não faz jus à riqueza sociocultural destes espaços, assim como de qualquer esfera relacionada à escravidão e pós-escravidão negra. Por isso, a importância de relatos orais e entrevistas com moradores locais como ferramenta de produção de conhecimento sobre uma população que é tão responsável pela construção da cidade de Florianópolis quanto açorianos e imigrantes europeus citados em todos os livros de história (CARDOSO, 2002).

Para escrever sobre a vida nestas comunidades no século XX, Santos (2009) entrevistou moradores antigos, líderes comunitários, além de filhos e netos dos fundadores do Morro da Caixa (Monte Serrat). Os relatos demonstram que a precariedade dos espaços era contornada através da união coletiva. Em um primeiro momento, por exemplo, as casas eram de estuque (barro e bambu), material substituído por madeira pelos próprios moradores que se organizavam em mutirões. Quando uma nova família chegava ao morro, a comunidade acolhia os recém-chegados e ajudava a erguer as paredes da casa.

Da mesma forma do espaço individual, o espaço público também era construído coletivamente:

Os mutirões uniam toda a comunidade, as crianças catavam pedras pelo caminho que desenhava o Monte Serrat, assim foi construída a escadaria da Igreja. Os homens que trabalhavam na cidade, no fim do dia voltavam para o morro e se uniam nas obras de mutirão utilizando as pedras que as crianças catavam durante o dia, enquanto as mulheres preparavam feijoada para o pessoal. (SANTOS, 2009, p. 589)

Apesar do primeiro reservatório de água público ter sido construído no Morro da Caixa em 1909, a comunidade não teve abastecimento de água por pelo menos 70 anos. As primeiras linhas de energia elétrica só foram instaladas em 1952 e chegavam apenas até a metade do Morro, enquanto isso *todos iam ouvir a novela de rádio na janela da casa do dono da venda, O direito de nascer* (SANTOS, 2009:589).

Décadas depois, a comunidade do Monte Serrat reivindicava junto à prefeitura o calçamento da rua principal, que apenas forneceu o material

(...) à comunidade coube todo o trabalho, principalmente o de abrir as valas. O operador da máquina retro escavadeira da prefeitura tinha que ser pago pelos moradores. Cada um dava 500 réis, assim o trabalho na vala ficava mais descansado. Os homens reuniam-se na Igreja, uma turma pela manhã e outra à tarde. A Prefeitura dava o material, a comunidade fazia o serviço. À noite bebendo café trazido pelo Pedro Cassimiro, coordenador, faziam vigia do material para que não fosse roubado, principalmente os tijolos. (SANTOS, 2009, p. 592)

Anjos (2016) fez uma pesquisa minuciosa, também baseada em entrevistas com os locais, sobre a conquista do transporte público no Morro da Cruz articulada pela comunidade do Monte Serrat. Assim como Santos (2009), a autora relata que a pressão social era feita inclusive diretamente aos governantes. O histórico de reivindicações e de uma população politizada é tal que comícios são feitos no alto do Morro em todos os anos eleitorais.

Da mesma forma do Monte Serrat, Santos (2009) caracteriza uma organização e articulação social que se relaciona com uma conquista de direitos semelhante no Morro do Mocotó, assim como Canci (1997) relata no Morro do Horácio e Machado (2008) no Morro da Mariquinha. Ainda, Pimenta (2004) aborda a criação do Fórum das Comunidades do Maciço Central do Morro da Cruz em 1999, uma articulação de todas as comunidades do Maciço para elaboração do Plano Comunitário de Urbanização, feito em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Dantas (2012), ao analisar as configurações do espaço socioeconômico do Maciço, levanta que a lógica da acumulação do capital na cidade de Florianópolis gerou e silenciou essa cidade invisível, ou seja toda a ocupação no Morro da Cruz, para o poder público por anos. Considerando que cada um destes núcleos de adensamento é por si só socioculturalmente heterogêneo, o autor baseia-se na teoria multiculturalista de Hall (4) para afirmar que, ao invés de fomentar conflitos internos, estas comunidades constroem uma identidade coletiva e buscam *"(...) nestes embates e contradições (com o poder municipal) um 'compromisso civilizador' e o não encolhimento da vida pública"* (DANTAS, 2012:99). Ou seja, a partir de divergências internas e da completa ausência assistencial e estrutural, uma comunidade se articula, identifica como unidade e constrói.

Seguindo a ideia desta análise, é possível relacionar a presença de grupos articuladores polí-

(4) Segundo Hall (2003), *"Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade 'original'."* (p. 52).

tico-sociais com a conquista e garantia de direitos. Considerando o cenário atual da ocupação urbana, é possível apontar a existência de cinco conurbações dentro do recorte:

- 1) Morro da Mariquinha e Tico-Tico
- 2) Monte Serrat, Laudelina Lemos, Santa Clara e José Boiteux
- 3) Morro do Céu
- 4) Morro do 25
- 5) Vila Santa Vitória e Morro do Horácio

Dentre estas, é possível perceber através do Mapa 3 um agrupamento de serviços e infraestrutura pública (como creches, escolas, centro de saúde, centro comunitário e áreas de lazer) que variam conforme classificação e número de mancha urbana para mancha urbana. A conurbação do Monte Serrat, por exemplo, possui equipamentos que atendem aos três principais eixos estruturais - educação, lazer e cultura. Já a mancha do Morro do Horácio não possui centro de saúde próximo, mas possui uma rede educacional mais completa com creche, contraturno e escola desdobrada.

Ainda, quatro das cinco conurbações possuem associação de moradores ou conselho comunitário ativo: Conselho Comunitário do Morro da Mariquinha, Associação de Moradores do Morro do Tico-Tico (AMOTICO-TICO), Conselho Comunitário do Monte Serrat, Associação de Moradores do Morro do Céu (AMORCÉU) e Associação de Moradores do Morro do Horácio (AMMH) (5). A única associação que possui sede própria é a AMORCÉU, construída e doada pela instituição filantrópica Rotary Club Florianópolis-Trindade em 2011. Já as demais, é neste momento que se manifesta a importância de igrejas e outros ambientes religiosos dentro dessas comunidades, uma vez que são nestes espaços que a articulação social acontece. Na ausência do poder público, a igreja, seja católica ou evangélica, desempenha um papel fundamental dentro dessas comunidades, atuando na articulação, assistência e controle social (BUSS, 2006).

Entre as cinco conurbações, a única que não possui nem associação de moradores nem conselho comunitário é o Morro do 25. Da mesma forma, a comunidade é a que possui o menor número de equipamentos urbanos dentro ou próximo ao seu perímetro, sendo o Núcleo Educacional Infantil (NEI) João Machado da Silva o único encontrado. Considerando que as comunidades do Monte Serrat e Morro do 25 foram constituídas de forma e em épocas parecidas, é visível como a presença ou ausência de um ambiente de articulação político-social, em uma comunidade que compartilha uma identidade coletiva, produz espaços urbanos mais ou menos qualificados.

(5) Aqui estão listadas as associações que atuam em todo o território da comunidade, porém Canci (1997) relata a existência e atuação de outros grupos de interesse específico, como associação de pais e professores, grupo de jovens, associação de mulheres, entre outros.



Mapa 3

Os equipamentos públicos e as conurbações urbanas. Escala 1:7000.

Fonte: Elaboração própria, baseada em PMF (2008;2018)

Legenda

1. Morro do Horácio
2. Vila Santa Vitória
3. Morro do 25 (Morro do Chapecó)
4. Morro do Céu
5. Ângelo Laporta
6. Monte Serrat (Morro da Caixa)
7. José Boiteux
8. Santa Clara
9. Laudelina Lemos
10. Morro do Tico-Tico
11. Morro da Mariquinha

- Equipamento educacional
- Equipamento de lazer ou cultura
- Equipamento de saúde
- Instituições religiosas

Foto 1
O Morro do 25.
Fonte: Edição própria, baseada em IPUF (2018)



2. MEIO

}}

Imagem 1
As ruas do Morro do 25.
Fonte: Edição própria, baseada em GOOGLE (2018)



2.1. A ORIGEM DO MORRO DO CHAPECÓ

Como abordado anteriormente, o Morro do Chapecó teve sua fundação entre as décadas de 20 e 30 na atual rua Padre Schrader, nas primeiras migrações impulsionadas pelas obras higienistas na Avenida do Saneamento. Segundo Lohn e Arend (2013), a ocupação se consolidou com a abertura da Penitenciária da Pedra Grande (atual Penitenciária de Florianópolis) até a década de 60, quando familiares de presidiários migraram de Chapecó, cidade no oeste do estado, instalando-se também na servidão Franzoni e rua São Vicente de Paula. Através de imagens aéreas (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2018), ainda é possível identificar uma terceira etapa de ocupação que ocorre no início dos anos 2000, adensando a região entre a rua Padre Schrader e o Morro da Nova Trento (Rua João Carvalho) e abrindo as ruas travessa Catharina Paulina de Oliveira, Bom Pastor e servidão Orlando Clarindo Machado.

A comunidade passou a ser conhecida como Morro do 25 com a abertura e popularidade do União Recreativa 25 de Dezembro em 1933. Inicialmente apenas um clube de bailes, a organização da associação tornou-se uma rede complexa de relações sociais e territoriais, transformando o seu espaço construído em símbolo - o Clube 25.

Foto 2
O Clube 25 de Dezembro.
Fonte: Autorial. Agosto de 2018.



2.2. UNIÃO RECREATIVA 25 DE DEZEMBRO E A IDENTIDADE COLETIVA

Assim como outros espaços comunitários no Maciço do Morro da Cruz, o Clube 25 foi construído em conjunto pela própria comunidade, não havendo registros de plantas ou desenhos antigos. Segundo relatos de Silvio e Zilma de Souza, ex-diretores do Clube (SOUZA, SOUZA, 2018), inicialmente o espaço de 200m² era de madeira e possuía apenas um banheiro. Posteriormente, o terreno ao lado foi anexado, a madeira substituída por alvenaria e o espaço interno reformulado.

Após a reforma, o Clube contava com três banheiros, um vestiário, bar, sala de som, depósito, bilheteria, duas salas e uma pista de dança com o assoalho original, ocupando um total de 513m². Nas primeiras décadas, a agremiação realizava apenas bailes sociais aos domingos (domingueiras), bailes de gala e bailes de carnaval (MARIA, 1997). Posteriormente também tornou-se sede de times de futebol da várzea, como o Vanguarda e Demolidor (SOUZA, SOUZA, 2018).

Maria (1993) relata que o Clube tornou-se exclusivo para negros depois de algumas brigas entre brancos e negros. Cardoso e Ianni descrevem, em 1960, que *“esse clube de negros e mulatos, aliás, é dos melhores organizados da comunidade, entre aqueles de elementos de cor. Mantém as mesmas normas rígidas estabelecidas na década de 30, quando foi fundado. Não aceita brancos como sócios; apenas visitantes, que são autorizados a fazer gastos no bar, mas não dançar”*(p. 180).

Este rigor exercido pela diretoria e associados no funcionamento do Clube também é constatado por Maria (1997), que durante sua pesquisa obteve todas as atas de reuniões ainda preservadas em acervo. Nas atas encontram-se relatos de normas sobre o vestuário exigido para frequentar o Clube, sobre formas decorosas de portar-se em bailes e inclusive punições àqueles que não as respeitavam. Ainda, fica evidente que a influência do Clube ultrapassava suas as paredes:

As normas reguladoras costumavam punir as pessoas além do espaço do Clube, pois era proibido, à saída dos bailes, perturbar o silêncio da noite com altas risadas, ou qualquer outra forma de comportamento barulhento. Os casais que fossem surpreendidos “namorando” nas redondezas dessas associações recreativas também podiam ser enquadrados nas punições previstas no regimento daquela entidade. (MARIA, 1997, p. 187)

A manutenção da *ordem e da moralidade* (MARIA, 1997:189) era de responsabilidade do

Grêmio Feminino Flor de Maio, fundado em 1934, ainda que a administração e organização do Clube fosse atribuição de uma diretoria formada exclusivamente por homens.

Segundo a autora, mesmo que o Clube fosse frequentado exclusivamente por negros, estas formas de conduta sexistas e conservadoras refletem códigos éticos e morais de valores brancos, católicos e burgueses. É na tentativa de igualar-se ao branco, de ascender socialmente, que os negros do Clube 25 buscavam seu valor numa sociedade racista. Ainda que muito contraditório, é também neste mesmo espaço que os negros constroem uma identidade coletiva exclusivamente negra e exercem seu poder como tais:

É na delimitação do seu espaço de lazer organizando suas festas (...), que os negros se fizeram presentes naquele contexto e o Clube passou a ser um referencial muito forte naquela localidade, que é conhecida hoje, embora não oficialmente, com o nome de Morro do 25. Algumas pessoas chegam a afirmar: "Eu sou cria do 25". Estas falas nos revelam uma total identificação com o clube e parecendo até estarem incorporados magicamente por um poder que se revela simbolicamente nestas festas apresentadas. (MARIA, 1995, p. 68)

Assim, é possível afirmar que a identidade coletiva do Morro do 25 foi construída a partir das relações estabelecidas com o Clube 25. Para Pauliana Gonçalves (2008), a identidade coletiva é *"uma construção histórica tendo como base um conjunto de valores compartilhados que se dá a partir da relação dialética entre indivíduos e/ou grupos que organizam sua vida cotidiana em torno de atividades semelhantes que ocorre em um determinado espaço geográfico"*. Até então, a comunidade se identificava com o local de origem (Chapécó) e a partir do estabelecimento de raízes na capital, do compartilhamento de atividades e da consolidação de laços sociais que os indivíduos passam a se identificar como um novo corpo social. A comunidade não se identifica como Morro 25, mas sim Morro *do* 25: 25 não é seu nome, é à quem pertence.

Ainda, Gonçalves salienta a importância do tempo, considerando que a identidade coletiva é uma construção e portanto mutável e sem fim.

A identidade coletiva vai se constituindo ao longo do tempo e dá o sentido de continuidade aos indivíduos, que adotam papéis, normas e valores válidos para todos os componentes do grupo, o que reafirma constantemente, através da memória, a realidade objetiva e subjetiva. A memória está sempre presente nessas possibilidades tanto de afirmação quanto de transformação. (GONÇALVES, 2008)

Foto 3
Reunião de diretoria no Clube 25.
Fonte: MARIA (1995)



Foto 4
Vista interna do Clube. Ao fundo, banheiros, bar e bilheteria.
Fonte: Autorial. Agosto de 2018.



Foto 5
Vista interna do Clube para a entrada.
Fonte: MARIA (1995)



Tão importante quanto a fundação e o reconhecimento do Clube 25, é mantê-lo ativo e estimulando as relações sociais da comunidade em um espaço democrático, o que não aconteceu a partir da aprovação da Lei do Silêncio (Lei Complementar nº003/1999), que determina horários e limites para emissão de ruídos. Sem condições financeiras para adequar-se acusticamente, o Clube suspendeu sua principal fonte de arrecadação, os bailes (SOUZA, SOUZA, 2018), e seguiu como centro comunitário, promovendo aulas de balé, capoeira, alongamento para idosos, programa para alfabetização e sede de um posto médico (ROSA, 2013b). Por mais seis anos o Clube manteve-se aberto através de bingos, rifas e auxílio financeiro de políticos, mas a necessidade de reformas estruturais e uma dívida de IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) que chega a quase R\$ 100 mil fez com que as portas se fechassem por tempo indeterminado.

Com a ausência de uma organização comunitária reguladora do território, uma facção criminosa encontrou uma comunidade vulnerável, ainda invisível para o poder público, onde poderia se instalar. Ainda que os primeiros relatos de tráfico de drogas no Morro do 25 sejam de 1998 (CBN/DIÁRIO, 2008), as notícias sempre referem-se à traficantes de pouca relevância, que não pertencem à uma grande rede criminosa e que não permanecem muito tempo na atividade em virtude das constantes operações policiais (REDAÇÃO ND, 2013).

A partir de 2014, o Primeiro Grupo Catarinense (PGC) instalou-se no Morro do 25 (VARGAS, 2014), nas Travessas Bom Pastor e Catharina Paulina de Oliveira. A facção é controlada de dentro do presídio e é responsável por diversos outros crimes, como homicídios e furtos. O isolamento dos líderes do PGC e o clima de terror instaurado nas comunidades tornam o trabalho da polícia mais difícil e delicado (VARGAS, ETTORE, 2016). Com o tempo, a relação entre comunidade e PGC torna-se de codependência: enquanto não houver denúncias, a facção regula e protege o território. O espaço coletivo antes controlado pela diretoria do Clube 25 agora é fiscalizado pelo PGC, que demonstra interesse em expandir seu domínio sobre a comunidade ocupando a antiga agremiação com bailes funks (6).

(6) Informação fornecida em agosto de 2018 em entrevista informal com um morador do Morro do 25 que deseja permanecer anônimo.

Foto 6

As regras da favela assinadas pelo Primeiro Grupo Catarinense (PGC) pichadas em um muro da servidão João Machado da Silva

Fonte: Autoral. Setembro de 2018.



2.3. O MORRO DO 25 HOJE

Ainda hoje, é possível ver claramente como as três etapas da ocupação espacializaram-se no terreno em forma de vale. Por toda a rua Padre Schrader, duas ou três famílias ocupam o mesmo lote em casas de alvenaria rebocada de dois andares e edícula ao fundo. Na servidão Franzoni e rua São Vicente de Paula, a porção construída é maior e mais proporcional ao lote, servindo de residência a apenas uma família. Já na porção do território mais recentemente ocupada, as quadras possuem a malha labiríntica típica da favela brasileira: casas pequenas, sem reboco, mutáveis através dos “puxadinhos”.

Apesar da setorização do território, relações de vizinhança intensas persistem até hoje como herança da agremiação. O compartilhamento de um único lote entre famílias distintas, assim como uma extensa conexão intra-lotes através de becos e portões permitem que os moradores conheçam não só todos do bairro, como os frequentadores não residentes.

Os moradores vivenciam um modelo não tradicional de conceitos como espaço privado e espaço público. Considerando que por muitas vezes as paredes externas das residências podem conformar acesso a outras casas, apenas os cômodos internos são privados. O lote torna-se um espaço compartilhado de natureza semi-pública e a rua torna-se extensão desse compartilhamento. Estas vivências permitem uma ocupação singular da rua, o único espaço comunitário público existente na comunidade atualmente, que pode ser analisada sob as óticas do deslocamento e da permanência.

Como espaço de deslocamento, as ruas do 25 não pertencem aos carros, mas sim aos pedestres e ciclistas que não utilizam as calçadas. Para vencer a inclinação mais facilmente, um antigo saber ensinado no morro é o “subir em zig-zag” e os poucos metros destinados tradicionalmente ao pedestre não são suficientes para cruzar as cotas de nível. O pedestre invade o asfalto zig-zagueando e o motorista entra no território mais atento.

A partir da conquista do espaço e da inversão da hierarquia viária tradicional, a comunidade se apossa permanente de alguns lugares específicos do território. No ponto mais baixo do vale da rua Padre Schrader, por exemplo, localiza-se o mini-mercado Estrela no lado esquerdo e logo em frente dois bares grafitados, Esquentá 25 e Nosso Bar. Considerando que cada bar não possui mais do que 20m², ambos não comportam espaço interno suficiente para o público que atraem. Assim, as calçadas e a rua são diariamente ocupadas por mesas e cadeiras plásticas que unem-se ao fluxo

Foto 7
A ocupação da rua Padre Schrader por pedestres.
Fonte: Autorial. Agosto de 2018.



constante de clientes atraídos pelo mercado. A passagem de veículos é completamente interrompida com uma frequência mensal, principalmente em datas comemorativas como natal e dia das crianças, quando a comunidade fecha a rua com mesas, tenda e roda de samba. Em um ponto mais alto do morro, a dinâmica já é outra. A caixa larga da travessa Julião do Vale, uma das poucas que cortam a malha em espinha de peixe, permite a instalação de uma feira de hortifruti toda quinta-feira pela manhã, assim como o único ponto de ônibus coberto em todo 25.

Assim, estas dinâmicas demonstram que neste território a rua não segue o modelo moderno de espaço de deslocamento, mas sim torna-se o próprio local de interesse. É um espaço compartilhado de propriedade dos moradores, os quais exercem domínio e controle como uma extensão do espaço privado da sua casa.



Foto 8, 9, 10, 11 e 12.

A rua Padre Schrader sendo ocupada em frente aos bares e mercado Estrela

Fonte: Reprodução/Instagram (2018).



Foto 13
Travessa Julião do Vale e a feira de quinta-feira de manhã.
Fonte: Reprodução/Google Maps (2017)

Foto 14 e 15
Os grafites nos bares Esquenta 25 e Nosso Bar, respectivamente.
Fonte: Autoral. Janeiro de 2019.





} . FIM



Dando o nome a este território negro, o Clube 25 de dezembro foi o símbolo de união, resistência e superação. Um século depois da sua fundação, a comunidade ainda preserva dinâmicas em um contexto urbano moderno, demonstrando sua resiliência e força diante do desamparo do poder público. É claro a necessidade de espaços democráticos nas escalas urbana e arquitetônica para a manutenção, fortalecimento e ressignificação da identidade e memória coletiva

Assim, as intervenções aqui propostas seguem em ambas as escalas, propondo novos espaços de livre uso para comunidade, reestruturando e fortalecendo as pré-existências e não impondo novos modelos de ocupação

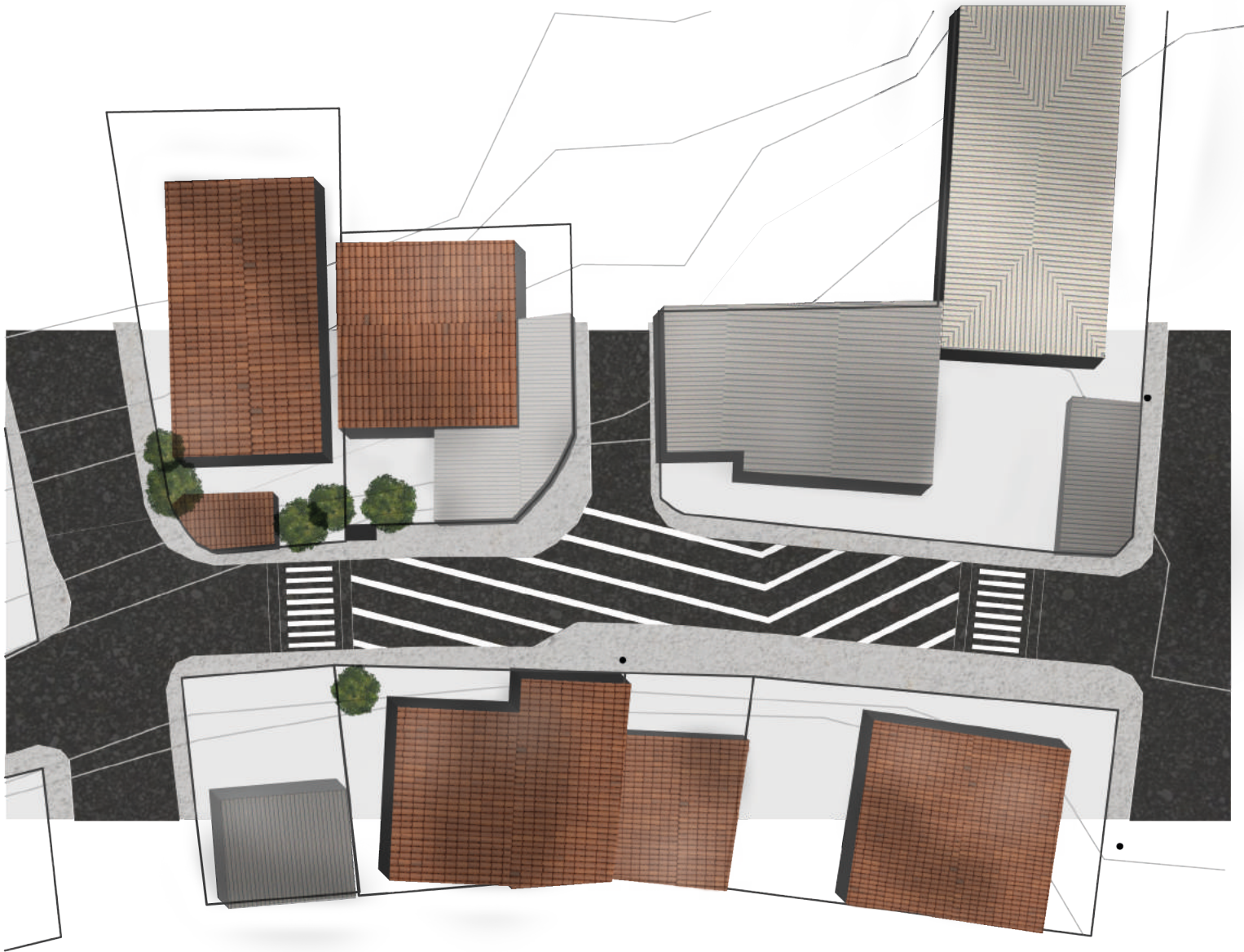
} 1. INTERVENÇÕES URBANAS

Relacionadas pelas pinturas em zig-zag no asfalto e redutores de velocidade, as intervenções urbanas acontecem em três pontos: na Travessa Julião do Vale, no ponto mais baixo do vale da rua Padre Schrader e em frente ao Clube 25 de Dezembro.

Mapa 4
Localização das intervenções
Fonte: Elaboração própria, baseado em GOOGLE (2018)



Imagem 2
Corte AA'. Escala 1:2000
Perfil da rua Padre Schrader e travessa Julião do Vale



} 1.1. FEIRA

Na Travessa Julião do Vale, a caixa da via é reduzida para 5,8m e as calçadas são estendidas para ampliar o espaço onde a feira de hortifruti é realizada. As travessias elevadas para pedestres conectam as largas calçadas e ampliam o espaço de feira, que agora pode ser ampliada e diversificada toda a travessa.

Imagem 3
Implantação da intervenção na travessa Julião do Vale.
Escala 1:500

Imagem 4
Vista da intervenção na travessa Julião do Vale.



Imagem 5
Vista da intervenção na travessa Julião do Vale.



} 1.2. CENTRINHO

Descendo pela rua Padre Schrader, uma grande faixa elevada conecta a frente dos bares com o mercado, demarcando o local onde acontece a roda de samba. Não há bancos, canteiros ou obstáculos: o espaço é versátil para a ocupação livre da comunidade, seja para o tráfego do dia-a-dia, para as poucas mesas durante a semana ou para seu completo fechamento em grandes eventos.

Antes sem reboco, uma grande parede cega entre os bares grafitados abre espaço para uma intervenção artística coletiva. A parede preta com os dizeres *"Aqui no 25 eu já..."* coleta histórias e relatos da comunidade sobre ela mesma a serem escritos com giz. É a memória coletiva sendo construída, apagada pela chuva e reescrita pelos moradores do 25. A parede simboliza que a identidade coletiva de uma comunidade só pode ser determinada por ela mesma em conjunto. Sua condição é efemeridade do tempo: nada será como antes, não se pode recriar o antigamente. Tudo o que resta são memórias compartilhadas e a renovação do futuro.

A dimensão do perfil da via não permite a implantação de um ponto de ônibus adequado sem alterações significativas no sistema viário. Assim, o ponto de ônibus antes localizado em frente ao Centro Espírita Adolfo Bezerra de Menezes é movido 35 metros para baixo da marquise do mercado Estrela, para proteger os usuários do transporte público do sol e intempéries.



Imagem 6
Implantação da intervenção na rua Padre Schrader.
Escala 1:500

Imagem 7
Vista da intervenção em frente ao Nosso Bar.



Imagem 8
Vista da intervenção em frente ao mercado Estrela e Esquenta 25.



Imagem 9
Vista da intervenção artística na rua Padre Schrader.



} . 1. } . CLUBE 25 E PONTO DE ÔNIBUS

Em frente ao Clube 25, o único beco remanescente da ocupação irregular do território conecta as ruas Padre Schrader e servidão Franzoni. O espaço com menos de 70 centímetros de largura é conformado pelas paredes laterais de diversas casas e por isso não pode ser alargado, mesmo assim sendo altamente utilizado. Antes apenas demarcado com uma placa, o ponto de ônibus na sua entrada é locado para baixo da árvore da casa vizinha, com um banco de concreto que surge do beco e desaparece no muro cego onde está engastado.

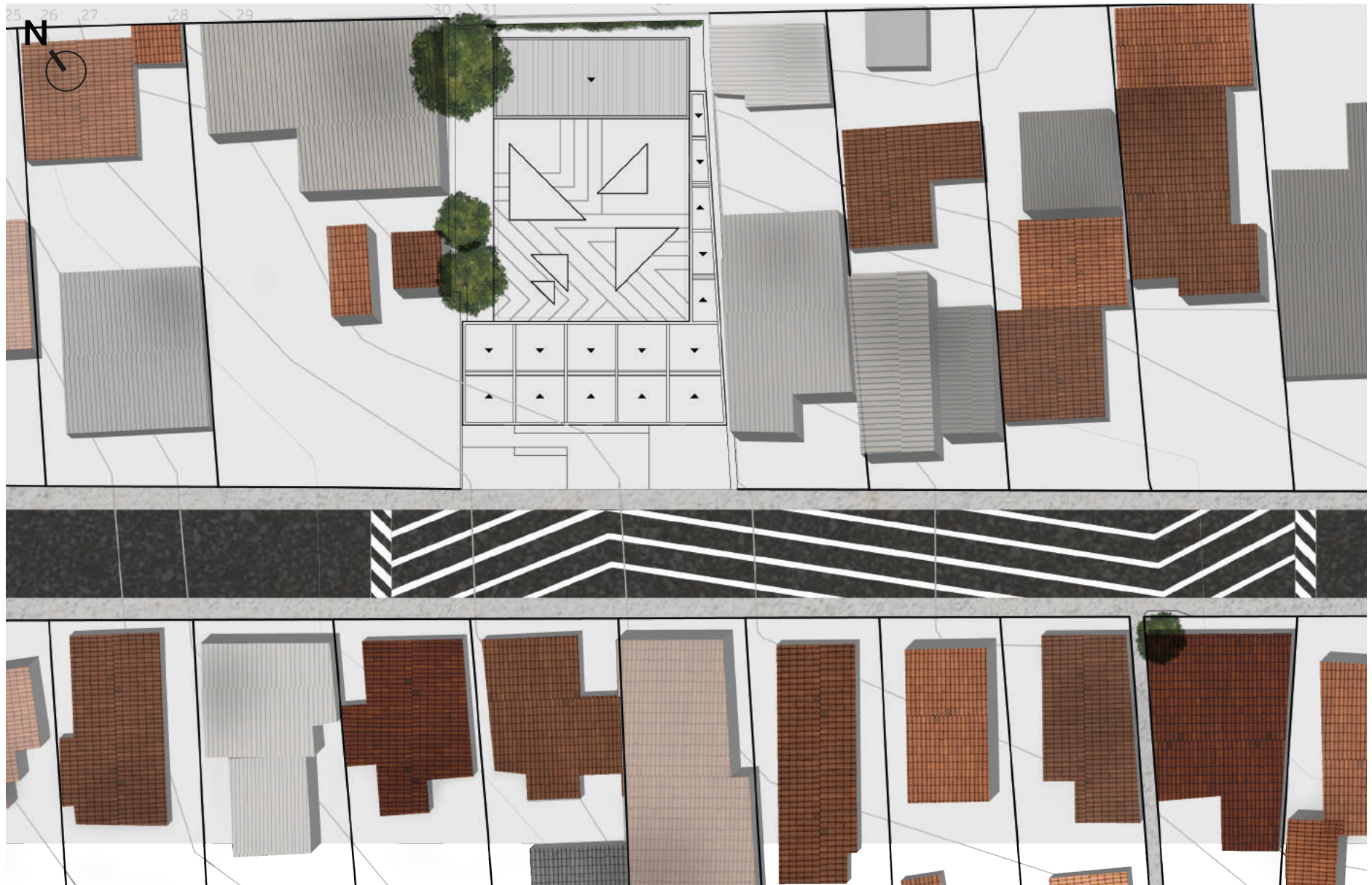


Imagem 10

Implantação da intervenção na rua Padre Schrader em frente ao Clube 25.

Escala 1:500

Imagem 11

Vista para o ponto de ônibus e beco para servidão Franzoni.



Imagem 12
Vista para o novo Clube 25 e intervenção na rua.



Imagem 13
Vista para a intervenção da rua.



} 2. PROJETO ARQUITETÔNICO

Após anos de abandono, o Clube 25 encontra-se ruindo. Logo na entrada, é possível ver como a vegetação tomou conta não só da caixa de energia, mas do telhado de fibrocimento. A cobertura possui tantos buracos que é possível ver a luz do sol de dentro do prédio. Em dias de chuva, a água escorre pelos antigos pontos de luz e parte do assoalho original cedeu na porção mais baixa do terreno que nunca foi aterrada. A armadura dos pilares mais recentes já está exposta e corroída.

O estado atual da edificação, aliado a inexistência de uma planta baixa estrutural e, principalmente, a condição financeira em que a agremiação se encontra, torna inviável uma reforma do edifício atual.

Para adequar-se ao Plano Diretor de Florianópolis (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/PMF, 2014), o novo prédio deve seguir as restrições do zoneamento Área Residencial Predominante (ARP) 2.5, índice de aproveitamento (IA) 1 e taxa de ocupação (TO) 50%.



Foto 16

Cobertura destelhada e forro de madeira caído

Fonte: Autoral. Agosto de 2018.

Foto 17

Assoalho de madeira cedeu e mostra fundação.

Fonte: Autoral. Agosto de 2018.

Foto 18

Armadura de pilar exposta.

Fonte: Autoral. Agosto de 2018.

Foto 19

Vegetação toma conta do sistema elétrico.

Fonte: Autoral. Agosto de 2018.



3.2.1. PARTIDO E PROJETO

Assim como na antiga arquitetura que desaparece na paisagem, o partido inicial foi manter a escala doméstica do Clube 25. Tirando proveito da taxa de ocupação de 50%, o prédio foi recuado 12 metros do limite frontal do terreno, criando um grande espaço de uso público que pode ser utilizado mesmo quando o Clube está fechado. A praça tem acesso pelos diferentes níveis da rua, em planos que criam uma pequena arquibancada e escada. O grande espaço livre tem uma pequena inclinação de 2,8% que permite uma transição e conexão com o espaço interno. Ainda, é coberto por uma estrutura metálica com fechamento com ripas de madeira e placas inclinadas de acrílico, que controlam a incidência de luz solar e protege contra intempéries. Visto da rua, a cobertura e a praça enquadram o vazio da demolição do antigo Clube, demonstrando a importância de não recriar uma arquitetura.

O muro lateral esquerdo leva a antiga pintura com nome do Clube, anunciando seu nome a quem sobe o morro e fazendo lembrança a antiga edificação. O muro lateral direito é uma grande tela branca que permite intervenções em grafite, movimento artístico que vem se desenvolvendo no Morro do 25, indicando um corredor externo coberto que dá acesso a uma entrada lateral secundária ao Clube.

A entrada principal é feita pela praça através de uma grande porta de vidro do tipo camarão, revestida por placas metálicas gravadas com "25". A porta pode ser inteiramente recolhida para grandes eventos, unindo a praça ao grande salão interno de 197m².

Para receber as mais diversas atividades, como bailes, aulas de dança e artes marciais, o espaço do salão deve ser o mais simples e versátil possível. Assim, uma divisória acústica recolhível permite tanto a divisão do ambiente para a realização de dois eventos simultâneos, como também pode ser dobrada e recolhida através de trilhos para conformação de um único grande espaço livre.

Formada por módulos de duas molduras metálicas unidas por dobradiças, a divisória funciona como um sanduíche de lambris de madeira horizontais, placas acústicas *Sonex //tec* 20mm e lambris de madeira verticais, evitando o conflitos de atividades simultâneas através da redução de

Imagem 14
Vista para a fachada do Clube

Imagem 15

Vista da parte mais alta da praça com o Clube aberto.

Imagem 16

Vista parte mais baixa da praça com o Clube fechado.

Imagem 17

Detalhe das placas metálicas da fachada.





ruídos.

A iluminação é feita através de cortes triangulares no forro de madeira, que permitem entrada de luz natural, economizam energia e relembram os triângulos em negativo no teto da antiga arquitetura do Clube. A parede esquerda é lisa para permitir a projeção de imagens em dias de jogo ou noites de cinema, enquanto a direita é coberta com um grande espelho para as aulas de dança. Ao fundo, um grande revestimento de madeira esconde a janela para o bar-cozinha e as portas para o corredor que dá acesso às áreas de apoio ao salão.

Imagem 18

Vista da parte mais alta da praça com o Clube aberto.

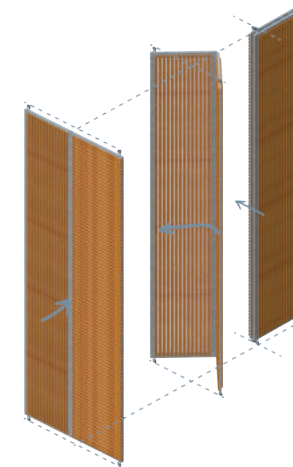
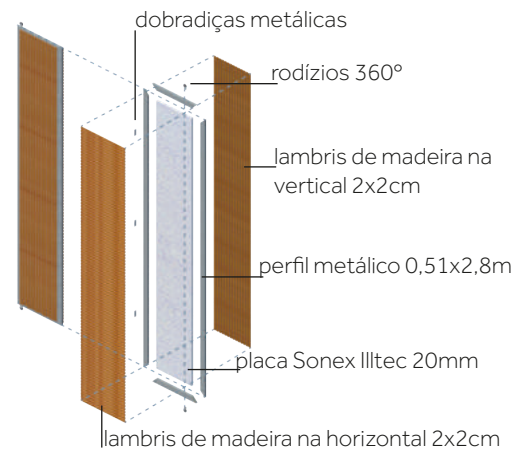
Imagem 19 e 20

Esquemas da divisória acústica recolhível

Imagem 21

Vista parte mais baixa da praça com o Clube fechado.





Para recolher a divisória modular, basta empurrá-la na direção transversal ao trilho. A modulação dos painéis e os rodízios permitem uma maior flexibilidade de layout, sendo possível mover individualmente cada módulo de aproximadamente 1 metro.



Também com acesso externo direto, a área conta com dois banheiros e um ambiente com funções de bar e cozinha, com vista para a parede verde que aflora no muro de contenção nos fundos do terreno. A escada localizada na entrada dá acesso ao depósito no subsolo e ao andar de cima, que conta com uma sala administrativa e um acervo comunitário.

Atualmente, o acervo do Clube limita-se a um armário arquivo que guarda as atas de reuniões. Considerando que a agremiação e o Morro do 25 foram construídos coletivamente, as únicas memórias oficialmente preservadas contam uma história de visão unilateral da diretoria do Clube. A sugestão é que um dos primeiros atos após a reabertura seja a coleta de fotos, cartas ou qualquer outro registro para a construção de um acervo comunitário do Morro e do Clube 25, marcando simbolicamente o resgate da memória coletiva através da reorganização comunitária.

Ainda, o segundo andar dá acesso ao terraço com vista para a ocupação no morro, uma memória viva e dinâmica que complementa o acervo. A iluminação zenital do salão aflora no terraço como bancos, sugerindo que o espaço também possa ser de permanência.

Imagem 22
Vista do terraço e o Morro do 25 ao fundo.

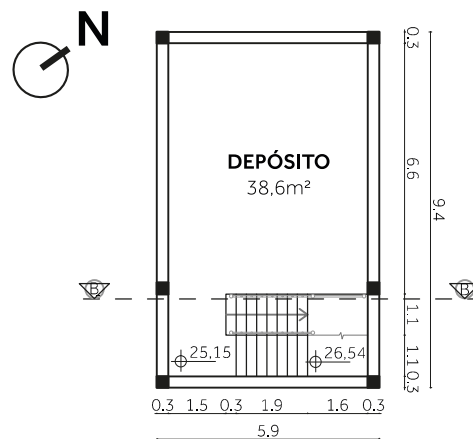


Tabela 1
Tabela de aberturas

Imagem 23
Planta baixa do subsolo.
Escala 1:200.

Imagem 24
Planta baixa térreo.
Escala 1:200.

TABELA DE ABERTURAS				
	dimensões (hxl)	nº folhas	tipo	material
J1	1x2,4m	2	camarão vertical	madeira
J2	1x4,5m	4	correr	vidro
J3	0,5x2,9m	3	basculante	vidro
J4	3,1x3,9m	3	fixa	vidro
J5	0,3x3m	2	prateleira de luz	vidro
J6	1x3,2m	3	correr	vidro
J7	2,7x2,2m	2	fixa	vidro
P1	3x13,5m	25	camarão	vidro
P2	2,1x1m	1	correr	madeira
P3	2,1x1,4m	2	vai-e-vem	madeira
P4	2,1x0,8m	1	tradicional	madeira
P5	3,1x1,4m	1	correr	vidro
P6	2,1x0,6m	1	tradicional	madeira
P7	2,7x1,1m	1	correr	vidro



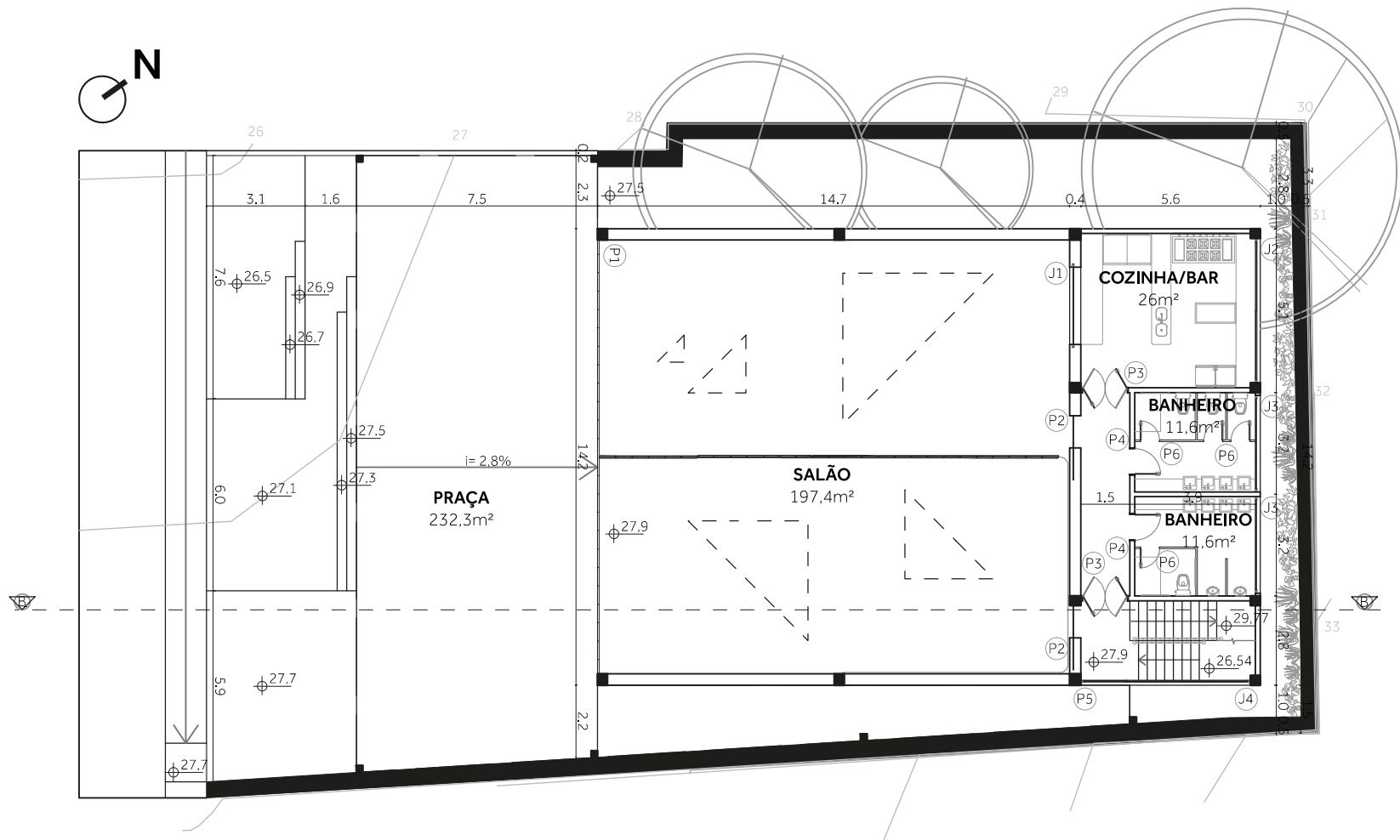


Imagem 25
Planta baixa primeiro andar.
Escala 1:200.

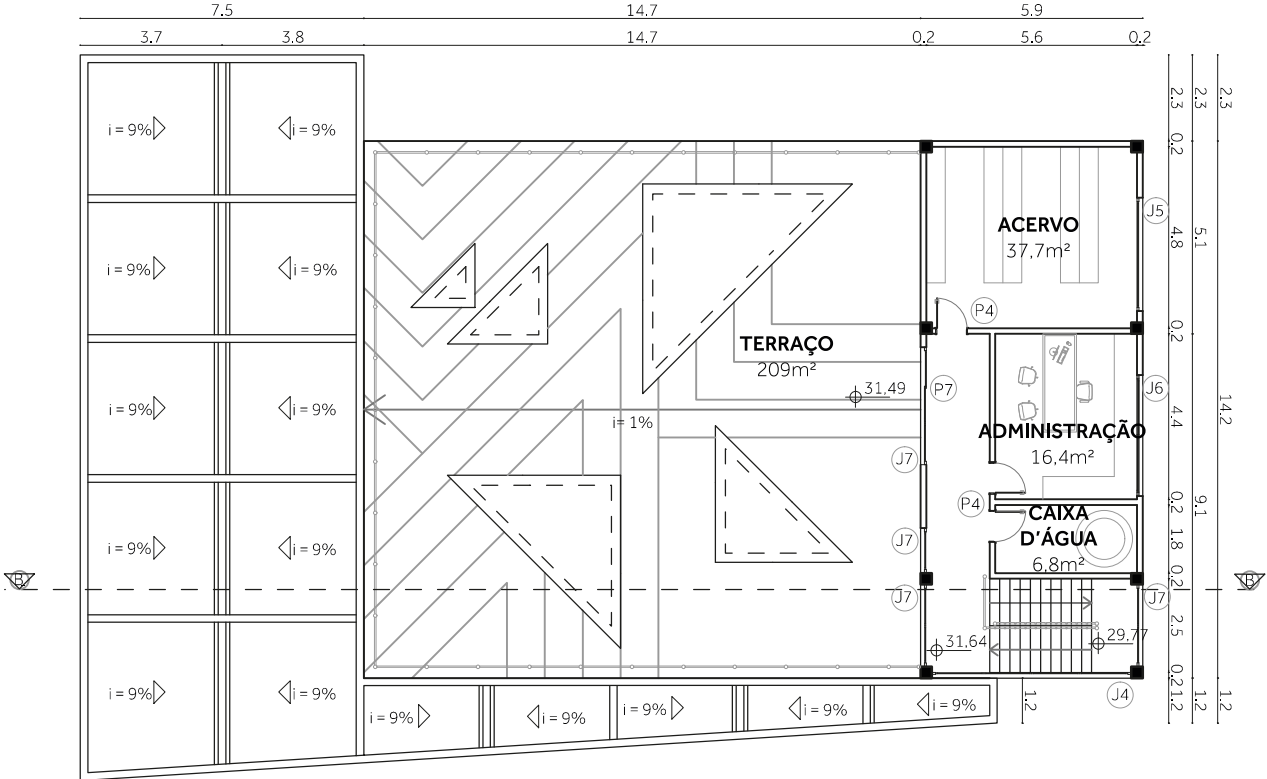
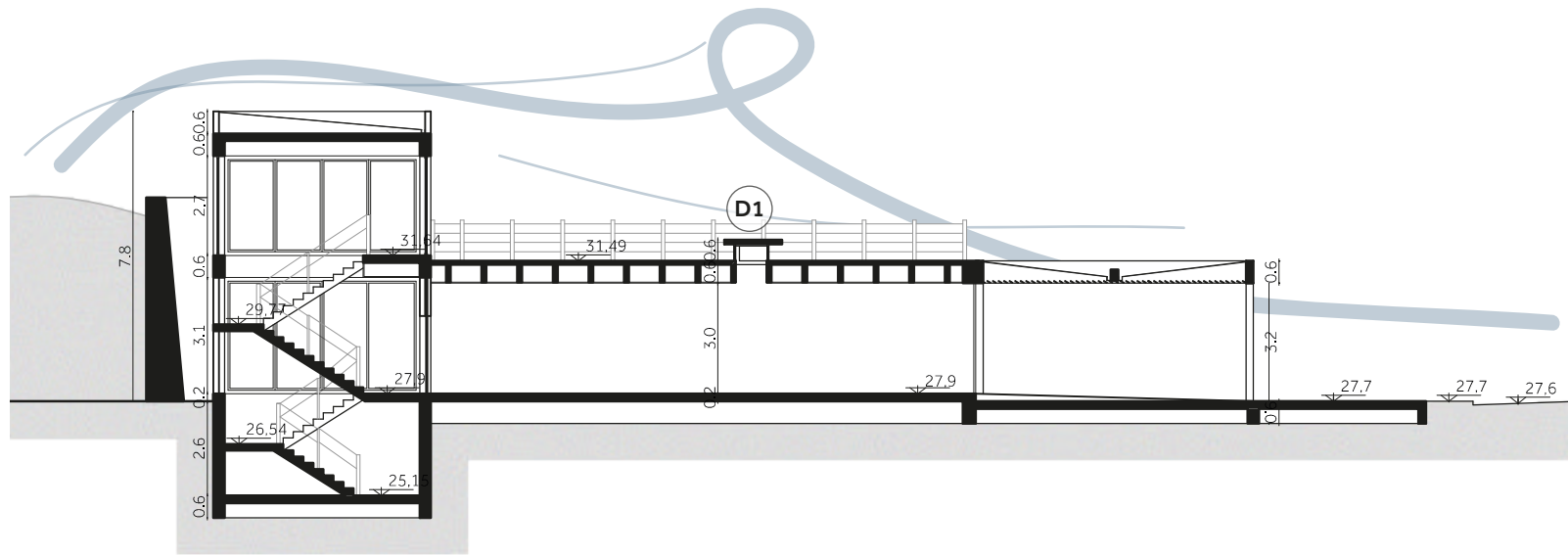
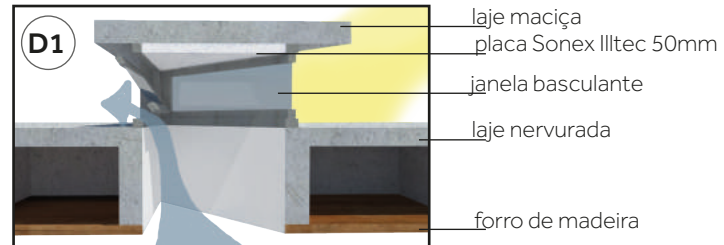


Imagem 26
Detalhe do shed de iluminação e ventilação. Escala 1:50.

Imagem 27
Corte BB'. Escala 1:200.



}2.2. SISTEMA ESTRUTURAL E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

Todo sistema estrutural da nova edificação é em concreto armado tradicional, pré-dimensionado de acordo com os métodos do professor Yopanan (REBELLO, 1997). Exceto pela laje nervurada bidirecional na cobertura do salão, todas as lajes são maciças para economia de recursos e desempenho estrutural. Todas as paredes são em alvenaria tradicional, sendo as do salão duplas e as demais simples revestidas com tacos de madeira. A cobertura da praça é metálica, assim como os pilares que a sustenta, para vencer o grande vão sem apoios intermediários e permitir a cobertura translúcida.

}2.3. ESTRATÉGIAS ACÚSTICAS E DE VENTILAÇÃO

Para evitar novamente o fechamento da agremiação, são propostas estratégias construtivas financeiramente acessíveis para amenizar a emissão de ruídos, além da já mencionada divisória acústica. As paredes externas do salão são duplas com tijolos de 20cm, câmara de ar de 5cm e tijolos de 10cm, isolando até 65 decibéis. Da mesma forma, laje nervurada em conjunto com o forro de madeira, funcionam como uma câmara de ar que isola ruídos aéreos. Ainda, a grande porta de entrada do tipo camarão é de sistema *Eurodur*, com caixilhos em PVC e vidros duplos, de alto desempenho acústico podendo isolar até 45 decibéis.

Em relação a ventilação, os sheds de iluminação zenital possuem janelas basculantes em sua lateral, permitindo a circulação do ar e evitando o uso de ar condicionado no dia-a-dia. Os sheds também são tratados com placas *Sonex //tec* 50mm para evitar vazamento de ruídos.

} } ESTRATÉGIAS DE }. } IMPLEMENTAÇÃO

Considerando que a sociedade do Clube 25 é legalmente formada por diversos associados, existe uma grande resistência em tornar o espaço oficialmente público e de responsabilidade da Prefeitura, em virtude do histórico desgastante entre comunidade e poder público. Sendo assim, as intervenções no espaço público da comunidade deverão ser custeadas com investimentos públicos, através de incentivos e instrumentos urbanísticos como Estudos de Impacto de Vizinhanças (EIV) de novos edifícios construídos na região da rua Frei Caneca. Mas qualquer investimento dentro da propriedade da agremiação deve ser de origem privada, apesar do caráter comunitário do Clube. Em entrevista, o ex-presidente da agremiação Silvio dos Santos afirmou que, anos antes do encerramento das atividades do Clube, a Prefeitura Municipal de Florianópolis já havia perdoado uma dívida de IPTU (SANTOS; SANTOS, 2018), abrindo precedente para um novo perdão caso a associação comprove sua função social e capacidade de auto-sustento financeiro.

A Prefeitura Municipal de Florianópolis concede isenção de IPTU ao *"imóvel que possua valor histórico, artístico e/ou cultural, tombado por ato da autoridade competente"* (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/PMF, 1997, artigo 225). Em consulta ao Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município (SEPHAN) em agosto de 2018, o órgão responsável pelo tombamento afirmou que a associação União Recreativa 25 de Dezembro é significativa para a história de Florianópolis e poderia ser tombada como patrimônio cultural. Com o tombamento e o perdão da dívida, a próxima etapa é a construção do novo Clube 25.

É histórica a relação entre instituições filantrópicas e as comunidades do Maciço do Morro da Cruz, desde ações pontuais à grandes doações financeiras de entidades como Rotary Club, Lions Club e Loja Maçônica. Como citado anteriormente, o Rotary Club Florianópolis-Trindade foi responsável pela construção da sede da Associação de Moradores do Morro do Céu (AMORCÉU) em 2011 e demonstrou-se interessado na reconstrução do Clube.

Assim, à agremiação caberia apenas cobrir os custos mensais de água e luz. Anteriormente, o valor para sua manutenção era arrecadado através da realização de bailes, bingos e aluguel do salão para pequenos eventos privados de associados, mas caberia a nova diretoria sua própria organização.

4. BIBLIOGRAFIA

ANJOS, Priscila dos. **Próxima parada: Monte Serrat**. Florianópolis, 23 p. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Jornalismo. Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://readymag.com/jorufsc/proximaparadamonteserrat/>>. Acesso em 19/06/2018.

ARAUJO, Camilo Buss. **Os pobres em disputa: Urbanização, política e classes populares no Morro da Caixa d'Água**, Florianópolis – anos 1950 e 1960. Florianópolis, 2006. 170 p. Tese (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88520/237369.pdf?sequence=1>>. Acesso em 22/06/2018.

CANCI, Adriana. **As expressões da cultura política nas formas organizativas do Morro do Horácio**. Florianópolis, 61 p. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Sócio Econômico. Serviço Social. Florianópolis, 1997. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/108150/DSS0019-M.pdf?sequence=1&isAllowed=y/>>. Acesso em 22/06/2018.

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. Nem tudo era açoriano: Algumas experiências de populações de origem africana na Ilha de Santa Catarina no século XIX. In: PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). **A Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002. 2v

CBN/DIÁRIO. Líder do tráfico no Morro do 25 é preso na Capital. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 de junho de 2008. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2008/06/lider-do-trafico-no-morro-do-25-e-preso-na-capital-1998665.html>>. Acesso em 22/09/2018.

DIAS, Wilmar. Florianópolis: ensaio da geografia urbana. DECH - Boletim geográfica. N 27. Florianópolis: DEGC 1947.

GONÇALVES, Pauliana. **Identidade Coletiva**. A Clínica no Campo Psi, São Paulo, 2008. Disponível em <<http://www.redepsi.com.br/2008/03/18/identidade-coletiva/>>. Acesso em 09/09/2018.

HALL, Stuart. A questão multicultural. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p. 51-100

HENNING, Luciano Augusto. **A distribuição espacial dos alunos das escolas integrantes da Comissão de Educação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz**. Florianópolis, 2007, 56 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Departamento de Geociências. Universidade Federal de Santa Catarina.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS/IPUF. **Voô de drone no Maciço do Morro da Cruz (03/05/2018)**. Florianópolis, 2018.

LOHN, Reinaldo Lindolfo; AREND, Sílvia Maria Fávero. Estado e populações pobres no Brasil: a espacialização da desigualdade social em Florianópolis - SC (décadas de 1930 - 1950). In: **Geosul**, v. 28, Florianópolis, 2013, 33-64.

MACHADO, Claudia Xavier. Aspectos socioambientais na comunidade do Morro da Mariquinha em Florianópolis/SC. **Revista Ra'e Ga - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 8, 2004. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3387/2716>>. Acesso em 29/06/2018.

MARIA, Maria das Graças. Memória Subterrânea: Construção das Representações de Identidade do Negro em Florianópolis. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 2, nº2, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/555>>. Acesso em 22/06/2018.

MARIA, Maria das Graças. **Imagens Invisíveis de Áfricas Presentes - Experiências das Populações Negras no Cotidiano da Cidade de Florianópolis (1930-1940)**. Florianópolis, 1997, 228p. Dissertação (Mestrado em História) Curso de PósGraduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/77131>>. Acesso em: 22/06/2018.

PERES, Arlis Buhl; PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. A verticalização nos Planos Diretores de Florianópolis: um olhar sobre o Bairro Agrônômica. In: **Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo**. "VIII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, Barcelona-Balneário Camboriú, Junio 2016". Barcelona: DUOT, 2016.

PIMENTA, Luis F.; PIMENTA, Margareth de C. A. Plano Comunitário de Urbanização e de Preservação do Maciço Central de Florianópolis. In: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte, 12 a 15 de setembro de 2004, 7p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/PMF. **Geoprocessamento Corporativo**, 2018. Disponível em: <<http://geo.pmf.sc.gov.br/>>. Acesso em: 20/06/2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/PMF. **Lei complementar nº 007, de 06 de janeiro de 1997**. Consolidação das Leis Tributárias. Florianópolis, 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/PMF. **Lei complementar nº 482, de 17 de janeiro de 2014**. Institui o Plano Diretor de Urbanismo do Município de Florianópolis que dispõe sobre a política de desenvolvimento urbano, o plano de uso e ocupação, os instrumentos urbanísticos e o sistema de gestão. Florianópolis, 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/PMF. Secretaria Municipal de Habitação de Habitação e Saneamento Ambiental. **Projeto do Maciço do Morro da Cruz**. Florianópolis, 2008.

REBELLO, Yopanan Conrado Pereira. **A Concepção estrutural e a Arquitetura**. 6 ed. São Paulo: Ziguarte Editora, 1997.

REDAÇÃO ND. Polícia Civil prende líder da quadrilha do Morro do 25 em Florianópolis. **Notícias do Dia**, Florianópolis, 3 de dezembro de 2013. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/policia-civil-prende-lider-da-quadrilha-do-morro-do-25-em-florianopolis>>. Acesso em 22/09/2018.

REIS, Almir Francisco. **Ilha de Santa Catarina: permanências e transformações**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

ROSA, Edson. Comunidade espera perdão de dívida e ajuda da prefeitura para reabrir clube em Florianópolis. **Notícias do Dia**, Florianópolis, 1 de setembro de 2013a. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/comunidade-espera-perdao-de-divida-de-iptu-e-ajuda-da-prefeitura-para-reabrir-clube-25-de-dezembro>>. Acesso em 28/06/2018.

ROSA, Edson. Clube mais tradicional da Agrônômica em Florianópolis chega aos 80 anos atolados em dívidas. **Notícias do Dia**, Florianópolis, 25 de dezembro de 2013b. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/clube-mais-tradicional-da-agronomica-em-florianopolis- chega-aos-80-anos-atolados-em-dividas>>. Acesso em 28/06/2018.

SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis. Florianópolis**, xix, 639 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGCN0383-T.pdf>>. Acesso em 23/04/2018.

SOUZA, Silvio de; SOUZA, Zilma de. Entrevista concedida a Ana Leticia Saquete Gonçalves. Florianópolis, 25 de julho de 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice deste trabalho]

SUGAI, Maria Inês. **Segregação silenciosa: investimentos públicos e a dinâmica socioespacial na área conturbada de Florianópolis (1970-2000)**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015. 255p.

TOMÁS, Elaine Dorighello. **Antigos e novos olhares sobre o Maciço do Morro da Cruz: de não território a território do PAC-Florianópolis**. 2012. 361 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2012 Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PGCN0498-T.pdf>>. Acesso em 23/04/2018

VARGAS, Diogo. Facção ordena mortes pelo tráfico de drogas em Florianópolis. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 de outubro de 2014. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/10/facciao-ordena-mortes-pelo-trafico-de-drogas-em-florianopolis-4618484.html>>. Acesso em 22/09/2018.

VEIGA, Elaine Veras. **Florianópolis: memória urbana**. Florianópolis: Editora da UFSC/Fundação Franklin Cascaes, 1991.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs.) **Um século de Favela.** Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

APÊNDICE:

ENTREVISTA TRANSCRITA COM SILVIO E ZILMA DOS SANTOS

Entrevista transcrita com Silvio dos Santos, 86 anos, ex-presidente do Clube 25 de Dezembro, e Zilma dos Santos, 83 anos, ex-associada do Clube 25 de Dezembro, ambos aposentados. Realizada no dia 25 de julho de 2018, na casa dos entrevistados na rua Padre Schrader, bairro Agrônômica (Florianópolis - SC)
Tempo de gravação: 32 minutos e 10 segundos.

Ana: Então, eu queria fazer algumas perguntas sobre o Morro, sobre a comunidade, e depois algumas perguntas sobre o Clube. Pode ser?

Silvio: Claro, não tem problema.

A: Se vocês não quiserem responder alguma coisa, não tem problema, tá?

S: Não, não, não tem problema

A: Eu tô muito feliz que o senhor me recebeu, de verdade. Muito feliz.

S: Se você soubesse quantos políticos já passaram por essa mesa aqui, quantas pessoas da universidade e tudo.

A: É?

S: É, mas o nosso grupo tá numa situação que faltou apoio e autoridade dos políticos. É o que a gente sente hoje em dia, o desprezo, entendeu? A nossa comunidade aqui na Agrônômica não tem nada.

A: Eu sei.

S: Sabe né?

A: Por isso que eu escolhi fazer o meu TCC aqui.

S: Aqui se você quiser comemorar um casamento... Eu, por exemplo, comemorei meus 60 anos, né? De casados que nós comemoramos, fomos lá no Pantanal. Aqui é assim, ó: a pessoa quer comemorar um aniversário, um casamento, tem que ir pro interior porque aqui não tem nada, aqui na Agrônômica, né? Não tem uma área de lazer pra comunidade, enfim, não tem nada aqui que a comunidade possa dizer assim "nós temos um centro comunitário, temos uma área de lazer". Não tem nada aqui na Agrônômica. Então, é uma pena a situação do 25 que acontece hoje em dia.

O 25, ele foi fechado no ano 2000, por causa do silêncio, né, a lei da acústica, mas ele foi obrigado a continuar assim porque não tinha a situação financeira dele não permitia que fizesse uma acústica na época. E na época a diretoria que tinha aqui tinha 175 crianças, com balé, capoeira, tinha futebol jovem, tava acabando de criar uma área... área não, criar um movimento pra fazer um futebol feminino...

A: Nossa, que legal!

S: No nosso Clube aqui, era o único Clube aqui que ele trazia algum projeto para a sociedade, pra comunidade né. Aqui nós já tivemos, já foi igreja, já teve médico grátis pra comunidade, já teve campeão de capoeira, campeão de carnaval, enfim teve alongamento pra senhoras, tinha uma porção de exercícios aqui que a gente fazia... Caratê também teve pra adulto...

A: Deixa eu perguntar uma coisa, eu sei que o Clube começou como um clube de baile, né?

S: É, um clube de baile.

A: E quando que ele passou a ter essas outras atividades pra comunidade, ou ele já tinha isso na época quando ele nasceu?

S: Não, eu não tenho lembrança. Eu só tenho lembrança porque eu vivi minha vida toda aqui na Agrônômica, né? Eu vim aqui pra esse terreno eu tinha 6 anos, eu to com 83.

Zilma: 86. Queres mentir?

(incompreensível)

A: Ta mentindo a idade já!

(risadas)

S: Desculpa, 86 anos, né? Então eu, se for fazer um levantamento, eu acho que eu fui o elemento mais vezes presidente desse Clube aí. Então tudo o que divulgando pra você aqui, é projetos que eu coloquei ali, eu levei pra ali. Porque antigamente era assim, ó: quando eu esse Clube aqui não entrava branco. Como preto também não entrava no do branco, né?

A: Sim.

S: Então com a continuação, eu quebrei essa tradição, eu consegui trazer o primeiro branco pro Clube, na última diretoria tudo e as coisas começaram a mudar de lá pra cá, entendeu? Isso na década de 50, na década de 60, mais ou menos.

A: E quando tinha esses bailes e tinha essa segregação, eu sei que os brancos iam no Clube Concórdia, né?

S: Justamente.

A: E aonde que ficava esse Clube Concórdia?

S: O Concórdia fica aqui a frente, pra quem desce do lado direito. Assim começa a descida, uma das (incompreensível).

A: Então é bem pra cá, entendi. Eu achei que era subindo.

S: Não, ali era o Clube 25 e aqui era o Concórdia. O Concórdia também acabou, faz bastante anos, sabe?

A: Mas o Clube 25 foi mais importante assim pra comunidade. Ele ficou mais tempo existindo e tendo atividades e tudo mais.

S: Ficou até o ano 2000. O Concórdia deve ter acabado uns 15 anos atrás antes do 25.

A: E mais uma coisa, o senhor falou que tinha time de futebol e tudo mais. Onde que essas pessoas jogavam futebol? Porque eu nunca entrei no Clube ainda, não sei como é o espaço lá dentro.

S: Eu posso até levar você lá pra ver, mas é... Hoje tá tudo cheio de água ali, falta telhado, falta tudo, mas dá uma olhadinha. Quanto à isso, pra falar você a verdade eu já tô com a chave desde de manhã. Pensa que é mentira? (incompreensível)

A: Não, eu acredito. Eu imagino o orgulho que o senhor deve ter com o Clube.

S: Só o Clube não, com a comunidade. Eu tenho pena disso aqui, porque você quer ver... Essa é a chave do portão. O 25 sempre foi feito por pobre, desde o principio, principalmente da raça negra que não tinha nada aqui, não tinha direito nenhum. Como até hoje existe preconceito, né? Então, eles conseguiram começar pelo 25, que eu peguei o 25 ainda era feito por uma casa de madeira, entendeu? Não vou dizer que fui eu que fiz aquilo tudo ali não, mas eu comprei o terreno do lado na minha gestão. Nós aumentamos o Clube. Tinha parede que era de madeira e nós fizemos de material na minha gestão. O banheiro também... O banheiro não, o sanitário ali era de madeira e só tinha um. Então era assim, eu peguei aquilo ali era uma casinha, tava até abandonada. Aí eu resolvi encarar e até hoje eu tô encarando. Pena que agora eu não tenho mais condições, porque se deve muito à prefeitura, não é? O IPTU, a prefeitura nunca perdoou esse IPTU. Perdoou anos atrás, perdoou no ano de 90, parece que o Clube tava também parado e deram um perdão ali de meses, né? Político antigamente a gente até contava com eles e eles davam uma ajuda pra comunidade, mas hoje não tem mais interesse. Não tem mais esse negócio de procurar político, porque eu tenho procurado bastante e não adianta. Eu, quando eu peguei o Clube, eu peguei (incompreensível) tava praticamente fechado, sabe? A diretoria que não soube administrar e ele tava fechado. Então eu convoquei os beneméritos, tem sócio benemérito, tem sócio fundador, hoje não tem mais... Mas aí, convoquei tudo e propus pra eles que eu poderia voltar ao 25, tentar levantar o 25, mas eu queria fazer dali um centro comunitário. Eu não queria mais baile, assim, entendeu? De repente ter uma domingueirinha assim pra comunidade, mas era mais pra casamento, pra aniversário, uma área pra se divertir a noite, assim... Podia botar uma tela pra assistir futebol a noite. Porque ali tinha sinuca ali, eu botei sinuca, botei ping pong... Ping-pong não, botei mesa de tenis, né? Eu sempre fui assim, eu sempre pensei em fazer o que não tivesse aqui na Agrônômica. Porque o que não tinha eu trazia pra cá, mas infelizmente depois teve parado muitos anos. Eu peguei em 90 com dívidas pra pagar, reformas pra fazer, pra ter uma ideia eu posso mostrar a você a reforma que eu tava fazendo. Então, surgiu a lei da acustica. Cê viu que fechou muitos clubes aí na cidade, né? E aí nós não tínhamos condições de

fazer acustica. Eu trouxe um engenheiro, veio aqui um engenheiro ou um arquiteto da universidade e fizeram um orçamento. Calcularam que só na laje, a gente ia ter que gastar uns 80 mil...

A: Nossa!

S: E a gente tava pagando divida ainda, arrumando o Clube, né?

A: E daonde vinha o dinheiro pra manter o Clube, da diretoria?

S: Dos sócios, né? Porque eu era assim, ó... Pode ser, porque era mais ou menos isso aí... Os sócios pagava menos o ingresso, às vezes tinha um baile, uma apresentação, um teatro, e coisa, então o sócio pagava uma taxa bem mais barata do que o ingresso, né? E tinha direito a aluga o Clube pra fazer aniversário, entendeu? Podia la bater, jogar uma sinuca, podia la jogar um tenis, futebol, tinha toda essa coisa aí, né? E quem não era sócio, então, teria que pagar um ingresso. É como, vo dizer assim, o cinema pro estudante, sabe como é que é?

A: Sim.

S: Bom, era mantido assim, entendeu? Porque das crianças, da família das crianças, a gente não cobrava nada, porque também a maioria era pobre, pessoal da área... Não é que todo mundo fosse, mas a maioria era, né? E a gente então, como se diz? O associado pagava menos e ajudava também a gente. A gente precisava de qualquer coisa, a gente procurava o associado, a assembleia geral. E assim a gente ia levando o Clube. As vezes, antigamente, politico ainda ajudava. Assim, a gente (incompreensível) livro de ouro, eles ajudavam. Precisava de uma reformazinha, eles ajudavam. Porque aqui, nessa nessa aqui, cê não calcula o número de políticos que vem aqui. Mas hoje em dia, mudou tudo. Você não pode fazer barulho. Eu não sou contra essa lei, só que foi muito, assim, rápida e tomaram decisão de fechar tudo. Não deram um espaço, assim, pra pessoa se organizar e tentar fazer uma acústica e a gente teve que fechar, não teve mais condições. Ainda, tinha quatro professoras de bailarinas, ballet né, que ajudava as crianças com educação, essas coisas toda, né? E nesse (incompreensível) ficamos com o Clube com os projeto que a gente tinha, alongamento de senhoras e crianças, capoeira, mais três anos ainda. Mas eu pagava luz, outro mês outra professora pagava água, e depois... Mas o Clube também tava já precisando de continuar a reforma e teve que fechar. Não teve outra saída.

A: Entendi.

S: Teve que fechar o Clube. E hoje em dia tem gente querendo vir aqui e "Mas, Seu Silvio, poxa! Nós não temos nada aqui. Por que o senhor não passa o Clube pra nós?" Eu não posso fazer isso, meu filho. O Clube é um clube que tem o benemérito, tem os sócios fundadores, tem tudo isso aí... E o Estatuto também não dá esse direito de entregar o Clube pra qualquer um, entendeu?

A: Mas o Clube ta no seu nome?

S: Não, o Clube não ta no meu nome.

A: Ele ta no nome de quem?

S: Eu fui o último presidente, entendeu? Ele não tem dono, ele é uma sociedade da comunidade. Agora, o cara tem que ser associado, tem que inclusive... Você ta gravando, né?

A: To. Quer que eu pare?

S: Se você quiser parar, eu vou dizer pra você...

A: Claro.

(A gravação é interrompida e depois reiniciada)

S: Eu, no ano de 60 mais ou menos, eu fui (incompreensível) São Paulo. Eu tinha um primo que ele decorava Clubes e boates, entendeu? E quando eu cheguei lá também, ele... Eu achei muito bonita a decoração dele. E de lá ele me levou numa loja de material elétricos e eu comprei um globo giratório. Eu não quero dizer que... É até bom você desligar porque depois o povo diz que eu to querendo aparecer.

A: Não, eu não vou botar essas coisas. Isso aqui é só pra gente conversar.

S: Conversar... Então tá bem. Eu acredito em você. Então eu trouxe o globo, viu? Trouxe umas lâmpadas negras, né? E coloquei no Clube. Então aquilo ali foi novidades, porque aqui na cidade... Eu

comprei um... Eu comprei não, o Clube, né? Mas no intermédio, entendeu? Eu comprei uma radiola e, segundo os comentários, eu fui o primeiro Clube que fez som mecânico aqui foi o nosso Clube aqui. Mas eu não tenho, eu não posso provar isso. É por isso que eu pedi pra você pra desligar. Então era assim, o Clube começou a... Eu criei uma diretoria feminina, viu? Tudo de jovem, né? As senhoras não tinham na época ainda na diretoria. Então jovens estudantes, entendeu? Moças que frequentavam aqui, o MOJUR, Movimento da Juventude Renovadora. E elas começaram a trazer os alunos pro 25, um monte de jovens, daí ficou assim ó: tinha domingo que a gente tinha que fechar a porta porque não dava de entrar mais ninguém de tanta que vinha aí, entendeu? Dai a gente foi tocando o Clube assim, com bailes, ai as vezes fazia bingo. Fazia um bingo também, né? Era só o que a gente fazia, era bingo mesmo e baile. As vezes a gente fazia uma rifa também pra ajudar o Clube. Os políticos também ajudavam na época, não muito mas ajudava, né? E assim o Clube aguentou até hoje, dai... Agora, depois que surgiu essa ideia aí de acústica, que eu também não sou contra, né? É o direito da comunidade... Então, a gente teve que fechar e não teve mais como suspender o Clube porque hoje em dia não tem ajuda. Eu já corri esses prefeito tudo ai, eles vem aqui... Só vem aqui em época de política, aparece aqui. Agora eu to esperando eles aqui, mas não adianta mais contar com eles.

A: Tá, deixa eu perguntar uma coisa. A primeira... Tu falou que teve primeiro uma casa de madeira, que era o Clube, depois que ele foi fazendo a reforma e foi fazendo de material. Esse primeiro Clube, ele foi feito pelas pessoas da comunidade.

S: Justamente.

A: E a reforma também?

S: Tudo, tudo que é feito, foi feito pela comunidade. É o que eu digo pra você, porque sempre teve diretoria, entendeu? Sempre teve diretoria... (incompreensível). Então é assim, tinha eleições todo ano... Todo ano tinha eleições pra diretoria. Eu fui o elemento mais vezes eleito ali. Não to contando vantagem pra você, porque eu também não ganho nada com isso. Só eu (incompreensível) da comunidade, como até hoje, entendeu? Até a Universidade já tiveram aqui também e prometeram fazer aqui um... fazer aqui trabalhos pra comunidade, né? Assim como problemas de drogas, entendeu? E outros problemas, né? Mas também não foi em frente.

A: Eu não posso prometer nada pra vocês...

S: Não, eu não to pedindo nada à você, nem esperava...

A: Mas eu to tentando... Eu to tentando. A minha... A minha ideia do projeto é justamente isso, é criar um espaço pra que a comunidade possa viver junto.

S: Olha, você quer ver... Eu com... Ta gravando, né?

A: Eu pauso.

S: Ta.

(A gravação é interrompida e depois reiniciada)

S: Aqui teve uma comunidade, apareceu aqui uma vez um elemento vendendo um terreno que tinha aqui atrás, abandonado... Mas tinha dono, eu desde de novo sei ue o terreno aqui era... Não vou citar o nome do proprietário, né? Mas tinha um proprietário, como esse aqui tem. Esse aqui era do Celso Ramos, esse que passa aqui atrás...

A: Esse aqui?

S: Isso aí, essa mata aqui era do Celso Ramos. Depois agora, ouvi falar que é da Construtora Santa Catarina. Dizem... Mas aquela casa deles ali foi tombada, então não sei de quem, à quem pertence... O 25 foi assim, então apareceu um malandro vendendo lote aí atrás e no fim descobriram que o cara era um, vamo dizer assim, um malandro, sabe? Um malandro... Então, o que houve, depois que descobriram que o cara era um vendedor que não era proprietário da área, o pessoal foi invadindo ai pra cima.

A: Aqui? Pra cá?

S: É, pra ca... Depois dessa rua aqui, do lado de lá... Aqui tem a rua Padre Schrader...

A: Que é essa daqui... Essa daqui...

S: É a Padre Schrader?

A: É.

S: Ta. Então até lá em cima, que eu saiba, toda aquela área ali deram o nome de 25 por causa do Clube. O Clube na época tinha nome aqui, entendeu? E eles deram o nome do Clube na época, Clube 25. Até a princípio andava numas confusões lá em cima e no coisa, e eu tive até na justiça porque... Na justiça não, eu tive na polícia conversando sobre isso, porque isso aí deixava a situação do Clube mal, né?

A: Por causa do pessoal lá de cima?

S: Por causa das confusões que dava, a polícia tava toda hora batendo e eu reclamei. Digo "Poxa, quando o 25 não tem esses problema. Quando for no 25 tudo bem, mas não é do 25, é lá pra cima que botaram o nome do Clube", não é? Bom, isso aí foi (incompreensível) reclamações, mas agora não. Hoje o Morro tá calmo, tem policiamento constante aí, né? Tá calmo, não tem problema não. Também tinha muita gente que morava ali que já não tá mais ali, sabe? O pessoal...

A: Mas o pessoal que mora pra cá ainda é o mesmo, aqui ao redor de vocês? É a mesma vizinhança?

S: Ah, é... É antiga, antiga. Geralmente, a maioria dessas casas aqui são tudo filho de... São herdeiros, familiares que ficaram como herdeiros, né...

Zilma: Morreu o pai, morreu a mãe e ficaram com os filhos...

A: Ficou com a casa. Dai os filhos continuam morando aqui?

S: Continuam morando, é...

A: Então vocês conhecem todo mundo aqui?

Z: Como a palma da mão.

S: Ah, eu conheço... Eu conheço todo mundo... Todo mundo não, mas lá pra cima, por exemplo, lá pra cima conheço muita gente, mas não é todo mundo. Tem muita gente que mora aqui, né? Tem muita gente também que tá vindo pra cá. Você já viu como tá aquele Morro ali?

A: Já, eu já fui lá em cima, já subi com meu pai lá em cima...

S: Então cada vez eles... Tem mais gente pra cá, vai, chega ali e faz casa, vai fazendo, entendeu? Então é como eu digo à você, hoje em dia a coisa tá mais calma aqui, tá bem melhor de se viver, viu? Mas teve um período difícil.

A: Eu imagino, porque o meu pai mora aqui, meu pai mora... Aqui. No Nova Trento, aqui...

S: No Nova Trento...

A: Meu pai mora aqui. E eu lembro quando eu era menor, assim... Das confusões que davam pra essa região aqui, de lembrar de barulho de polícia subindo... Mas que hoje em dia tá mais tranquilo...

S: É, mas não era aqui, eles diziam que era no Morro do 25, então o Clube ficava numa situação difícil, né pô?

A: Tá, então tá... Então essa rua aqui que é a Padre Schrader é o Morro do 25.

S: É o Morro do 25.

A: E essa do lado aqui, Servidão Franzoni...

S: Franzoni, Servidão Franzoni...

A: É do 25 também?

S: Não, não... Essa eu vou mostrar pra você onde que é...

A: Ela não é mais 25? Ali não é mais 25?

S: Não, não, ali não tem nada a ver com o 25.

A: Tá, e essa daqui ó... A gente tá aqui, né... Subindo a rua, aí tem uma aqui do lado. Tá vendo, ó? Travessa Bom Pastor, vocês acham que é 25 ou não?

S: Não, essa aqui, Bom Pastor, nunca ouvi falar nessa aqui, mas deve ser aquela lá que tem ali, deve ser...

A: É entre o Nova Trento e o 25, então também não é?

S: Não, não é. Eu não vou dizer à você que é Bom Pastor, porque aqui o negocio é o seguinte: essa que você ta falando aqui é São Vicente. Depois do 25, vem a São Vicente, vem essa não...

Z: A Franzoni.

S: Não, a Carvalho...

A: João Carvalho.

Z: João Carvalho!

S: Não é João Carvalho, era a antiga...

A: A João Carvalho é Nova Trento, daí.

S: A João Carvalho é Nova Trento, mas essa daqui também era Carvalho.

A: Ah! Aqui pro lado?

S: Quando eu era guri, não, mas não é mais... A familia já nem mora mais ali, já morreu tudo já. Então, a São Vicente, depois da nossa aqui vem a Franzoni e depois vem a São Vicente, aquela que tem a padaria ali...

A: Sim.

S: Mas tem uma antes... Essa aqui daquela clinica...

A: Sidnei Noceti.

S: Sidnei Noceti.

A: E ela também não é 25?

S: Não, não, nem a Sidnei Noceti nem a...

A: Nem a São Vicente?

S: Nem a São Vicente, também não é...

A: Tá, então pro senhor a única rua que é 25 é essa, Padre Schrader?

S: Não, não, pra mim não. Pra todos!

A: Pra todos?

S: É, pra todos. Aqui, não... A nossa aqui é a Padre Schrader, ela não é 25.

A: Não, eu sei. Mas é porque a comunidade é o nome do 25...

S: Eles criaram o nome do 25. Antes de ser Padre Schrader, essa aqui era o Morro do Chapecó.

A: Sim, Morro do Chapecó. Sim, eu sei.

S: E aí, o pessoal veio morar lá em cima que criou o 25...

A: Por causa do Clube 25.

S: Por causa do Clube 25, então o Clube 25 é citado como se fosse a rua toda, né?

A: Tá, então tá.

S: Mas não é o nome aqui da nossa rua, não é 25, é rua Padra Schrader.

A: Não, isso eu sei, isso eu sei. Mas a comunidade se identifica como Morro do 25.

S: Morro do 25, é.

A: Então, então tá. Beleza.

S: Conheço bem, não é essa comunidade aqui, essa comunidade aqui já antiga, né? Mas é o Morro do 25, né?

A: É o Morro do 25.

S: Fazer o quê?

A: Tá. Eu quero saber mais uma coisa. Já existiu associação de moradores aqui? Na comunidade? Não necessariamente no Clube 25, mas assim...

S: Não, não... Tem Associação dos Moradores da Agrônômica, já fui vice-presidente...

A: Da Agrônômica?

S: É, eu não quis ser presidente na época porque eu já era do 25, já era do time de futebol...

A: Era muita coisa...

S: É, então eu já era da Associação dos Pescadores...

A: Ah! O senhor foi pescador?

S: Eu fui não, eu sou ainda. Só que eu to doente agora das pernas, não posso caminhar muito, não posso dirigir... Então, mas eu já fui da Associação dos Pescadores, fui presidente...

A: E o clube de futebol? Era qual?

S: Ah, o clube de futebol aqui, eu já fundei três times de futebol...

A: Qual que era?

S: Eu fundei o Vanguarda...

A: Eu acho que o meu vô jogou nesse...

S: Será?

A: Eu acho que meu vô... Eu acho que eu lembro do meu vô... Ele tinha um apelido que ele nunca chamava ele, eu chamava ele de vô Babá, mas é Leopoldo, era Leopoldo...

Z: Tu é a neta do Leopoldo?

S: Para, para, pode ser que não seja quem nós tamo pensando...

Z: Para, para, é sim!

S: A sua mãe é viva?

A: A minha vó?

S: Não, a sua mãe.

A: É que ele é pai do meu pai.

S: Sua vó, sua vó...

A: A minha vó é Dalcina. Gonçalves.

S: E o nome do avô? Como é que é?

A: Leopoldo Gonçalves. Ele era goleiro.

S: O Leopoldo, ele trabalhou na...

A: No Koerich.

S: No Koerich.

Z: No Koerich.

A: Ah! Vocês conheceram meu avô!

S: Ele foi meu vizinho.

A: Sim! Eles vieram morar pra cá quando eles casaram. Ai gente, eu vou chorar. Desculpa.

Z: Pode chorar.

A: Sim.

S: Mas o Leopoldo já morreu, não?

A: Faz um tempo já.

S: (incompreensível) Nós comentamos esse dias aqui, nós dizia "Não vimos mais o Leopoldo"...

Z: É.

A: Ele teve câncer, faz um tempinho já... Mas a minha vó ainda é viva. Mas ela ta com alzheimer bem avançado já...

S: Essa daqui também tá.

Z: A Leopoldina? Não, a...

A: Dalcina.

Z: Mas eu chamo ela de...

A: Dota.

Z: Dota.

S: Dota, é. Não, nós morava ali na subida do morro, de quem sobe à primeira curva é para a esquerda, né? (incompreensível) A curva atrás da Igreja. E ai depois, pelo lado direito, a outra curva pelo lado direito. Então, nós morávamos ali depois daquela primeira casa, a segunda e ai nós morávamos lá nos fundos, não era? Lá onde era a nossa ali, né?

Z: Isso.

S: É, na segunda casa, a primeira, a segunda... É, uma foi demolida, tem a primeira, a segunda casa...

Z: Tem a segunda casa, morava...

S: A terceira, terceira...

Z: Uma casa que era baixinha.

S: É, do lado da terceira casa à direita, né? Morávamos lá nos fundos e eles moravam no nosso lado, o Leopoldo...

A: Sim, eles foram morar aqui quando se casaram, daí depois voltaram pro Nova Trento quando ela engravidou do meu pai.

S: O Leopoldo, o Leopoldo vendeu... Comprei móveis com ele quando nós casamos. Móvel, um guarda-comida e essas coisas aí que não terminavam mais. Era com o Leopoldo, sempre ia lá e comprava com o Leopoldo.

A: Sim, minha família inteira ainda trabalha no Koerich.

S: No Koerich.

A: Meu tio e minha tia ainda trabalham no Koerich.

S: Ah, esses parentes eu não conheço, mas o Leopoldo eu conhecia.

A: Ta. Aí, tavas falando dos times de futebol, que foi o Vanguarda...

S: É, o Vanguarda foi o do bem mais antigo, mas depois quando eu fundei aquele ali do... Como que é... o Demolidor, né? É, Demolidor, eles não moravam mais por aqui. E depois, eu fundei o 25 também, foi ideia minha fundar o do Clube 25. Quer ver as fotos deles tem aqui, ó.

A: Quero. E aonde que vocês jogavam futebol?

S: Ah, em tudo quanto é campo.

A: (incompreensível)

S: É, o time de várzea era assim, nós jogava em tudo quanto é campo. Convidava, a gente ia. Até fora daqui a gente jogava.

A: Sim, o meu vô falava que ele saia pra jogar futebol.

S: Eu não tenho lembrança dele, faz muitos anos disso aí.

A: Faz, faz muito tempo.

Z: É, faz muita coisa.

S: É casa de pobre, não repara.

A: Ah, para! Só uma coisa, o senhor sabe onde que a Associação de Moradores da Agonômica se reúne?

S: Olha, a Associação de Moradores tem um presidente lá que se dá comigo até hoje ainda. E ele veio me convidar pra mim ser vice-presidente dele, pra ser presidente e ele a vice. Porque ele tá meio manjado ali com a administração, sabe? Aí eu não quis, não quis ser presidente dele e fui como vice. Dois meses... Aí quando eu estava lá há dois meses, nós vencemos as eleições. Quando eu estava

lá há dois meses, ele pediu licença um dia que ele tinha que viajar e não podia fazer a reunião. Aí eu fui encarregado de fazer a reunião. Então eu apresentei um projeto, quando ele chegou lá, ele disse pra mim que... Na hora que nós tava em reunião ele chegou. Chegou e falamos pra ele "Olha, a gente tem um projeto assim, assim, assim que a diretoria aprovou" "Ah, não! Ah, não!" "Não, porque..." "Não, não, esse projeto não é bom, não sei o que, não sei o que". Digo "então fica com a mesa e tchau pra ti", entendeu? Então depois, agora eu ouvi falar que tinha dado um rola lá na Associação e tinha uns colegas aí que queriam ir pra lá. Eu não me apresentei como presidente, digo "Eu vou como teu presidente (incompreensível)". E pegou que eu lá conversar com o pessoal lá da feira lá, do três, e me falaram que a Associação tava no Ministério Público...

A: A Associação da Agrônômica?

S: É, tava na Ministério Público porque deu desfalque lá, não soube cuidar lá e ficou nisso. Então não sei quem tá administrando, não sei mais nada...

A: Pois é, porque eu não achei nada sobre a Associação de Moradores da Agrônômica. E assim, eu faço estágio no IPUF, né? E agora final do ano a gente... Começo do ano a gente enviou convite pra várias associações porque tava tendo eleição pro Conselho da Cidade, que é uma reunião de várias associações pra decidir coisas sobre a cidade, e eu não achei nada sobre nenhuma associação da Agrônômica. Então eu acho que deve tá... Deve tá...

S: Não, ela tá funcionando porque, cê quer ver um negócio... O Becker, é vereador, não sei o nome dele primeiro, não sei o que Becker... Ele veio falar comigo pra dar uma mão pra ele aí, mas ando cheio desses políticos... E aí, eu sei que foi entregue a Associação pro pai dele. O pai dele pesca ali na área com nós, ali tem um rancho ali também...

A: O senhor tem... O senhor tem rancho lá na Ponta do Coral? Que legal.

S: Então, Ana, eu me dou bem com ele, com o pai dele, mas também... Aí ele, me pegou na rua, passou na rua mais o pai dele "Seu Silvio", eu digo "Não, não tem problema não, eu tô (incompreensível)". E aí, eu sei que quando tiraram o presidente dali ou o presidente saiu, que tinha... Botaram o pai dele, porque o pai dele já tinha em outra época, tinha sido presidente da Associação já. E depois, esse daí que saiu vereador e foi eleito, não foi eleito, ele ficou como suplente. Mas era um cargo pra ele lá, subiu lá como vereador. Tem até um genro dele aí que anda me enchendo por causa desse 25 aí, coisa

chata... Então botaram ele como pra tocar pra frente a Associação, não sei como ta aquilo lá agora, só sei que tem... Só sei que tem um projeto de futebol lá de crianças e jovens, né? Quando eu passo lá, vejo sempre eles jogando bola ali... Tem professores, tem...

A: Ali embaixo?

S: Não, lá na... No lado do feirão lá...

A: Lá? Ta.

S: Direto do Campo. A Associação é lá.

A: Ah, ta! Eu não sabia.

S: Não sabe onde é o feirão?

A: Ah, o feirão agora sei.

S: Então, no lado direito tem a Associação.

A: Aquele lá, ta.

S: Embaixo do Ambar, em cima tem a Associação...

A: Entendi, não sabia que era lá. Ta, mas associação do 25, só do 25, nunca teve? Porque por exemplo...

S: Não, não, associação não tem nada a ver com o 25.

A: Não, sim, sim, eu sei. Mas assim tem algumas comunidades do Morro da Cruz que tem associação de moradores só daquela comunidade, por exemplo, eu sei que tem Associação de Moradores da Mariquinha, tem Associação de Moradores do Morro do Céu, então pode ter associação de moradores do Morro do 25, mas isso nunca teve?

S: Não, nunca teve.

A: Tá, então tá. Então tá bom. Eu acho que todas as perguntas foram... Tem alguma coisa que o senhor quer falar? Quer contar?

S: Não, eu quero... Você quer ver o Clube?

A: Tu quer ir lá com chuva? Não tem problema? Não vai ficar doente? Porque eu posso vir outro dia quando não tiver chovendo.

S: Não, não... Olha pro velho e pensa que o velho é fraquinho...

A: Não, não, jamais! Eu só não quero incomodar.

S: Quer tomar um cafezinho?

A: Não, obrigada... Se vocês quiserem tomar, eu sei que tá na hora, né?

S: Não, não tem problema, nós não temos hora.

(fim da gravação)

URG. 25 de DEZEMBRO



FIND A EN